

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
CAMPUS LARANJEIRAS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II**

POLLYANNA MEDEIROS DE MAGALHÃES

**ANÁLISE COMPARATIVA DO USO E CONFIGURAÇÃO
DAS PRAÇAS DA ÁREA CENTRAL DE ARACAJU-SE: 1855
A 2015**

LARANJEIRAS
MAIO/2016

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
CAMPUS LARANJEIRAS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II**

**ANÁLISE COMPARATIVA DO USO E CONFIGURAÇÃO DAS
PRAÇAS DA ÁREA CENTRAL DE ARACAJU-SE: 1855 A 2015**

Autor: Pollyanna Medeiros de Magalhães

Orientadora: Ma. Raquel Kohler

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Departamento de
Arquitetura e Urbanismo da
Universidade Federal de Sergipe como
requisito para aprovação na disciplina de
Trabalho de Conclusão de Curso II.

LARANJEIRAS
MAIO/2016

POLLYANNA MEDEIROS DE MAGALHÃES

**ANÁLISE COMPARATIVA DO USO E CONFIGURAÇÃO DAS
PRAÇAS DA ÁREA CENTRAL DE ARACAJU-SE: 1855 A 2015**

Orientadora: Ma. Raquel Kohler

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Departamento de
Arquitetura e Urbanismo da
Universidade Federal de Sergipe como
requisito para aprovação na disciplina de
Trabalho de Conclusão de Curso II.

Aprovada em ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Ma. Raquel Kohler - Orientadora
Universidade Federal de Sergipe

Prof. Dr. Fernando Antônio Santos de Souza
Universidade Federal de Sergipe

Prof. Me. Agripino da Silva Costa Neto
Membro Avaliador Externo

Ao meu filho Heitor, luz da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Nestas linhas não serei capaz de exprimir toda a minha gratidão a todos que me ajudaram a chegar até aqui. E, para não faltar com nenhum, manifesto meu reconhecimento a todos que estiveram presentes e/ou fizeram parte de minha vida ao longo de toda a minha jornada; todos vocês contribuíram de alguma forma para que eu pudesse dar mais este passo. Também não desmereço todos os espinhos que encontrei pelo meu caminho, eles me moldaram a ser mais forte do que imagino ser. Nestas linhas estão marcadas todas as cicatrizes com que a vida me presenteou.

A Deus e a todas as forças maiores, pela minha existência e por abrirem os meus caminhos.

Aos meus pais, Nildinho e Dudua, que batalharam muito e me deram toda a base para que eu pudesse subir cada degrau na vida.

Ao meu irmão e amigo, Henrique, por ser tudo o que um irmão deve ser. E se eu precisar, algum dia, de um transplante de órgão, já sei com quem contar.

À minha avó, Dona Quica, pela força e integridade invejáveis. Levarei para sempre comigo todos os aprendizados destes lindos olhos da cor do céu.

Ao meu avô, Isaías. Mesmo que sua partida tenha sido antes de minha chegada, seus ensinamentos foram e são tão importantes e presentes que já chegaram à terceira geração. E perpetuarão enquanto houver busca pelo conhecimento.

Ao meu filho lindo, Heitor, que me mostra todos os dias que a vida é mais bela do que aparenta ser e que colore minha vida com infinitos tons resplandecentes. Minha maior fonte de aprendizado.

Ao meu marido, Vitor, pelo incentivo e por acreditar em mim, por vezes, até mais do que eu mesma. Meu companheiro de todas as horas.

À minha sogra, Isaura, seu apoio e esforços foram essenciais para esta conquista.

A todos os meus tios, tias, primos e primas, avôs e avós, pela presença em momentos importantes, pelos encontros com risadas, muitas conversadas a alta voz, choros, brigas, desavenças, reconciliações... enfim, todos os itens que são imprescindíveis em todas as famílias que se amam. Agradeço pelas mais diversas formas de amor que pude viver e presenciar com vocês.

A família Ferraz, pelo acolhimento.

Às amigas de infância, adolescência, de escola, das faculdades que cursei, de vida e dos futuros colegas de profissão. Todos foram importantes por me ensinarem a conviver com pessoas incrivelmente diferentes e aprender a respeitar toda esta diversidade.

Precisaria de muitas linhas para citar todos e, para não desmerecer nenhum pelo esquecimento, agradeço a todos.

À minha orientadora/amiga, Raquel, pelo apoio didático, metodológico, psicológico, motivacional, emocional e tantos outros ao longo desse curto período – até então.

Aos estágios que fiz durante o curso, pela oportunidade de fundir o conhecimento teórico-acadêmico com a realização prática e métodos executivos da vida profissional.

Ao Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Sergipe, pelos excelentes mestres que têm em seu corpo docente. Antes de tudo, agradeço pelas pessoas que são.

Aos funcionários do Campus Laranjeiras, por sempre atender às nossas necessidades com empenho.

À banca examinadora, Prof. Dr. Fernando Antônio Santos de Souza e Prof. Me. Agripino da Silva Costa Neto, pelas valiosas contribuições.

Aos funcionários dos vários órgãos e bibliotecas que visitei, pela atenção e sugestões dadas na busca de material, que ajudaram no embasamento deste trabalho. E aos vários profissionais da Arquitetura e áreas afins a este trabalho, pelos direcionamentos e conhecimentos passados em nossas conversas informais, mas essenciais ao sequenciamento deste trabalho.

À vida, por todos os caminhos, inimagináveis, que me fez percorrer até então e por todos que estão por vir.

*"E o fim é belo e incerto... depende de como você vê
O novo, o credo, a fé que você deposita em você e só"*
(Fernando Anitelli).

“Que os vossos esforços desafiem as impossibilidades, lembrai-vos de que as grandes coisas do homem foram conquistadas do que parecia impossível”.

(Charles Chaplin)

RESUMO

As praças, ao longo dos tempos, são um espaço público de grande importância no cotidiano urbano (DE ANGELIS et al., 2005). Elas, historicamente, sempre tiveram notável função para o desenvolvimento das cidades, e na atualidade apresentam grande valor no tecido urbano, no que diz respeito ao lazer, esporte, cultura, socialização, paisagismo e conforto ambiental. O objetivo geral deste trabalho foi realizar uma análise no período de 1855 a 2015 das praças localizadas na área central de Aracaju, Sergipe. A partir da caracterização dos espaços públicos; do entendimento da praça pública e seus conceitos; do processo de origem e evolução da praça; da observação do papel das praças nas cidades brasileiras; do levantamento de dados documentais que caracterizam as transformações espaciais que ocorreram nessas praças ao longo da história local; do processo de formação e evolução da cidade de Aracaju. As variáveis escolhidas para análise foram fundamentadas em Demattê (1999), Lira Filho (2002; 2003) e Depavê (s.d.). Foram elaborados quadros de cinco praças da região, sendo elas as seguintes: Praça Camerino, Praça Fausto Cardoso, Praça Almirante Barroso, Praça Olímpio Campos e Praça General Valadão; visando uma correlação entre as transformações morfológicas, paisagísticas, de uso e de configuração dessas praças desde a configuração inicial destes espaços até a atualidade. A tabulação das informações obtidas foi realizada sob dois aspectos: o primeiro, correlacionando os dados num mesmo recorte temporal, e o segundo, compilando os dados gerados num quadro síntese configurado por aspectos gerais observados em cada época. Em seguida foi possível indicar, a partir da teoria estudada, quais os momentos históricos, políticos, econômicos e sociais influenciaram estas mudanças, quando aconteceram e porque aconteceram.

Palavras-chave: Praças. Aracaju. Análise comparativa.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Ágora de Atenas.....	25
Figura 2 – Fórum romano.....	25
Figura 3 – Cidade medieval.....	26
Figura 4 – Praça maior e praça menor.....	26
Figura 5 – Praça de armas.....	27
Figura 6 – Praça renascentista.....	29
Figura 7 – Praça barroca.....	29
Figura 8 – Praça eclética.....	30
Figura 9 – Praça romântica.....	31
Figura 10 – Praça moderna.....	32
Figura 11 – Praça no Brasil colônia (Igreja de São Francisco/Salvador).....	34
Figura 12 – Ajardinamento Paço imperial, 1893.....	34
Figura 13 – Praça Brasil/Carazinho, RS, 1950.....	35
Figura 14 – Praça de Cristal/Brasília, DF, 1970.....	35
Figura 15 – Comparação da ocupação de Aracaju entre 1855 e 1857.....	42
Figura 16 – Planta de Aracaju em 1860.....	43
Figura 17 – Aracaju em 1865.....	44
Figura 18 – Praças existentes na região central de Aracaju (praças analisadas em destaque).....	47
Figura 19 – Localização das praças analisadas.....	48
Figura 20 – Cidade de Aracaju - 1855 (pintura de E. J. Schal, s.d.).....	50
Figura 21 – Praça Fausto Cardoso e Almirante Barroso / linha divisória que delimita cada uma.....	51
Figura 22 – Igreja Nossa Senhora da Conceição com vista da praça ainda descampada.....	51
Figura 23 – Edifício da 1ª Alfândega com vista da praça com fonte.....	51
Figura 24 – Alameda da Palmeiras e estátua de Fausto Cardoso.....	52
Figura 25 – Coreto metálico instalado no Jardim Olympio Campos.....	52
Figura 26 – Praça descampada com vista da Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição e palmeiras-imperiais.....	52
Figura 27 – Cadeia e cata-vento inserido na praça.....	52
Figura 28 – Praça recém-urbanizada com fonte d'água.....	53

Figura 29 – Vegetação arbórea com poda topiaria.....	53
Figura 30 – Alameda das palmeiras-imperiais.....	53
Figura 31 – Aquário Municipal	53
Figura 32 – Quartel do Exército e fonte d'água	53
Figura 33 – Vista da forração que delimita os caminhos e banco	54
Figura 34 – Gramíneas com poda topiaria e coreto em alvenaria	54
Figura 35 – Vegetação arbórea	54
Figura 36 – Vista da ponte ao fundo.....	54
Figura 37 – Vista da fonte e floreiras	54
Figura 38 – Vista do passeio e estátua de Sílvio Romero	55
Figura 39 – Vista aérea com vegetação arbórea.....	55
Figura 40 – Passeio com canteiros e palmeiras-imperiais.....	55
Figura 41 – Vista do vagão-escola	55
Figura 42 – Vista dos passeios e floreiras	55
Figura 43 – Maquete eletrônica da última reforma	56
Figura 44 – Alameda das palmeiras-imperiais e estátua de Fausto Cardoso.....	56
Figura 45 – Passeio e alameda das palmeiras-imperiais	56
Figura 46 – Passeios, vegetação e Catedral Metropolitana	56
Figura 47 – Centro Cultural de Aracaju e vegetação	56

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Tipologias de praças.....	24
Quadro 2 – Lista de fontes usadas nos quadros de informações das praças na região central de Aracaju.....	38
Quadro 3 – Informações das praças na região central de Aracaju (1855)	50
Quadro 4 – Informações das praças na região central de Aracaju (1885)	51
Quadro 5 – Informações das praças na região central de Aracaju (1915)	52
Quadro 6 – Informações das praças na região central de Aracaju (1945)	53
Quadro 7 – Informações das praças na região central de Aracaju (1975)	54
Quadro 8 – Informações das praças na região central de Aracaju (2005)	55
Quadro 9 – Informações das praças na região central de Aracaju (2015)	56
Quadro 10 – Resultado da comparação.....	57

LISTA DE SIGLAS

Apes	Arquivo Público Estadual de Sergipe
Emsurb	Empresa Municipal de Serviços Urbanos
Emurb	Empresa Municipal de Obras e Urbanização
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDA	Índice de Densidade Arbórea
IHGSE	Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe
INSS	Instituto Nacional de Seguro Social
Iphan	Instituto do Patrimônio Histórico e Arquitetônico Nacional
ISA	Índice de Sombreamento Arbóreo
Petrobras	Petróleo Brasileiro S/A
PDDU	Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Aracaju
SBAU	Sociedade Brasileira de Arborização Urbana
SE	Sergipe
UFS	Universidade Federal de Sergipe

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	
AGRADECIMENTOS	
EPÍGRAFE	
RESUMO	
LISTA DE FIGURAS	
LISTA DE QUADROS	
LISTA DE SIGLAS	
1 ESPAÇO PÚBLICO.....	16
1.1 ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS	16
1.1.1 Áreas verdes.....	17
2 PRAÇAS PÚBLICAS.....	19
2.1 A PRAÇA PÚBLICA E SEUS ASPECTOS CONCEITUAIS.....	19
2.1.1 Funções e tipologias	22
2.2 ORIGEM E EVOLUÇÃO DA PRAÇA	25
2.1.2 Ágora grega	25
2.1.3 Fórum romano.....	26
2.1.4 Praças medievais	26
2.1.5 Praça maior e praça menor	27
2.1.6 Praça de armas	28
2.1.7 Praça renascentista.....	28
2.1.8 Praça barroca.....	29
2.1.9 Praça eclética.....	29
2.1.10 Praça romântica	30
2.1.11 Praça moderna.....	31
3 O PAPEL DA PRAÇA NAS CIDADES BRASILEIRAS	33
4 MATERIAIS E MÉTODOS.....	37
5 ARACAJU: DA FUNDAÇÃO À ATUALIDADE	41
6 ANÁLISE DOS RESULTADOS	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	62

INTRODUÇÃO

As praças, ao longo dos tempos, representam um espaço público de grande importância no cotidiano urbano (DE ANGELIS et al., 2005). Historicamente sempre tiveram notável função para o desenvolvimento das cidades. Na atualidade, as praças continuam a apresentar grande valor no tecido urbano, no que diz respeito ao lazer, esporte, cultura, socialização, paisagismo e conforto ambiental. Desta forma, foi estudado como os espaços livres urbanos se desenvolveram no espaço citadino e sua evolução no Brasil.

Em seguida, problematizou-se a área deste estudo verificando-se a relevância histórica das praças selecionadas na história de Aracaju no intuito de identificar quais as modificações ocorreram nesses espaços entre o período de sua implantação até a atualidade, integrando o desenvolvimento da cidade neste contexto.

O presente trabalho consubstancia-se na análise comparativa (período de 1855 a 2015) das praças localizadas na área central de Aracaju, Sergipe. Foram selecionadas cinco praças: Praça Camerino, Praça Fausto Cardoso, Praça Almirante Barroso, Praça Olímpio Campos e Praça General Valadão. Visando uma correlação entre as transformações morfológicas, paisagísticas, de uso e configuração dessas praças desde a configuração inicial destes espaços até a atualidade.

E, para atingir o objetivo geral, foi necessário fazer no **Capítulo 1** um estudo sobre os espaços públicos e suas definições, bem como uma abordagem sobre a importância das áreas verdes para as cidades.

No **Capítulo 2** é feita uma caracterização do conceito da praça pública a partir de diversos autores e um enfoque nas diversas funções e tipologias e também um breve levantamento de como ocorreu o surgimento da praça nas cidades e como se deu a trajetória evolutiva deste espaço ao longo do tempo.

No **Capítulo 3** é visto como o espaço praça foi inserido nas cidades brasileiras a partir da colonização e como evoluiu até a atualidade de acordo com as tendências arquitetônicas de cada época.

O **Capítulo 4** descreve qual o tipo de material documental foi necessário ser levantado para e que variáveis foram estabelecidas para se fazer as análises, que seqüenciam o trabalho., bem como a metodologia aplicada na definição de formato e de inserção de dados nos quadros de análises.

O **Capítulo 5** faz um breve levantamento do processo de formação e de evolução da cidade de Aracaju, tal entendimento enfoca a região central da cidade por ser a zona alvo deste trabalho.

O **Capítulo 6** apresenta inicialmente os quadros de comparação entre as 5 praças marcando os elementos presentes em 7 recortes temporais ao longo do período analisado para a percepção das mudanças que se sucederam em cada época. Em seguida, as principais características de semelhanças e disparidades são comentadas em um quadro geral de resumo, seqüenciado por uma análise que associa os dados estudados na revisão bibliográfica aos dados observados nos quadros comparativos entre as praças para o entendimento de quais vertentes arquitetônicas influenciaram a urbanização destes espaços, as tipologias em que se enquadram, que tipo de uso predominou em cada época, bem como de sugestão de como preservar esta história fisicamente nas praças para reconhecimento da população.

A relevância de se conhecer a história das praças do centro de Aracaju está na preservação e na observação das transformações que se operaram nesses espaços, dando suporte para a construção do saber histórico. Desta forma, o presente trabalho irá contribuir para ampliar os conhecimentos acerca da área central de Aracaju, bem como fornecerá dados a estudos futuros sobre paisagismo e como os eventos históricos interferiram na paisagem urbana gerando conhecimento de suma importância para a preservação, reafirmação do valor simbólico, histórico e cultural que essas praças apresentam para a qualidade da cidade de Aracaju.

1 ESPAÇO PÚBLICO

1.1 ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS

Os espaços livres públicos abordados pelo Artigo 98 do Novo Código Civil (BRASIL, 2002) como bens públicos, são caracterizados por todos os “bens de domínio nacional pertencentes às pessoas jurídicas de direito público interno [...]”, sendo os demais particulares, independentemente da pessoa à qual pertencer. São representados por bens de uso especial, dominicais e de uso comum do povo. Este último, por sua vez, representado pelas praças que apresentam grande relevância no cotidiano das cidades, bem como os demais bens públicos de uso comum, destinados ao uso indistinto de toda população como as ruas, rios, mares, estradas e parques. Assim, o bem público é toda área que integra o patrimônio da administração pública direta e indireta.

Os espaços abertos de uso comum, utilizados de forma desimpedida por uma população, correspondem aos espaços públicos, como aborda Leitão (2002). Podem ser encontrados como áreas verdes, representadas por extensões nas quais seja possível analisar a predominância de espécies vegetais¹, como as praças, parques e até mesmo cemitérios ajardinados. Assim como podem ser localidades onde a presença de espécies vegetais seja escassa ou até mesmo inexistente, como as ruas, pátios pavimentados, praças secas, entre outros. Ainda de acordo com Leitão (2002), os espaços públicos podem ser entendidos através da sua exterioridade², acessibilidade³ e, por fim, pelo seu significado⁴.

Diante disso, vale ressaltar que os espaços públicos não representam apenas um elemento compositor da paisagem urbana, eles são responsáveis por articular toda a sociedade, tendo papel importante para o desenvolvimento satisfatório socioespacial. E, para tanto, é possível reconhecer e justificar a existência do espaço público em todas as cidades. Ao analisar sua dimensão física é possível perceber que são concebidos por diferentes formas geométricas, assim como usos distintos. A forma de apropriação desses espaços implica também na distinção da maneira em que a população se utiliza da área. Com isso, quando se fala de espaços públicos, não é possível afirmar a existência de uniformidade, uma vez que as práticas sociais de cada lugar são únicas. O ambiente passa a expressar muito da peculiaridade e singularidade das condições em que está localizado,

¹ Arbóreas ou rasteiras.

² Representado pelo espaço aberto público.

³ Sendo este um espaço comum.

⁴ A partir do valor simbólico e memória referente ao espaço.

como também de seus usuários. De acordo com Paulo Gomes (2006), o espaço público físico é representado por:

[...] lugar, praça, rua, *shopping*, praia, qualquer tipo de espaço, onde não haja obstáculos à possibilidade de acesso e participação de qualquer tipo de pessoa. Todas as cidades dispõem de lugares públicos excepcionais que correspondem à imagem da cidade e da vida social. (GOMES, 2006, p.162, grifo do autor).

1.1.1 Áreas verdes

As áreas verdes, além de interferir positivamente no bem-estar físico e psíquico da população, agem de forma a amenizar as consequências originadas pela forte densificação existente nas cidades. A vegetação, necessária a todas as cidades, existente nos espaços públicos verdes⁵, deve ser entendida além da composição visual e estética, uma vez que representa componentes naturais que desenvolvem várias funções dentro do espaço urbano. A vegetação presente nestas áreas age de forma ecológica e socioeconômica, tendo grande valor para os que habitam este meio. Para Milano e Dalcin (2000) as vegetações tipo arbóreas, mais especificamente, apresentam como benfeitorias: Estabilização e melhoria microclimática; Ação da árvore na redução da poluição atmosférica e sonora; Melhoria estética das cidades; Ação das árvores sobre a saúde humana; Benefícios econômicos (diretos e indiretos), sociais e políticos.

Desta forma, a Sociedade Brasileira de Arborização Urbana (SBAU) criou um índice mínimo para áreas verdes públicas dedicadas ao entretenimento populacional, recomendando o equivalente a 15m² por habitante, o que, apesar de ser caracterizado como mínimo, não é alcançado por grande parte das cidades do país (HARDER et al., 2006; SOUZA et al., 2011). Com isso, além de necessário implantar espécies vegetais nas cidades urbanizadas, é de grande valia preservá-las nos diferentes espaços públicos, uma vez que só assim será possível alcançar o mínimo de qualidade de vida à população, como afirma Gomes e Soares (2003).

Ao analisarem a variedade de vegetação utilizada para composição do espaço público urbano, Gonçalves e Paiva (2004)⁶ mostram a existência de uma baixa variedade na arborização, representada pelo uso de espécies exóticas de outras regiões do país, bem como de outros países, demonstrando que a plantação dessas espécies não parte das condições, uso e função do meio a serem plantadas.

⁵ Que possuem também como uma função muito importante a permeabilidade do solo.

⁶ Os autores descrevem especificamente sobre espécies arbóreas.

A vegetação utilizada no espaço urbano, analisada do ponto de vista ambiental, atua no clima, pois interrompe a passagem direta da radiação solar, servindo também como barreira que diminui a velocidade dos ventos. As copas das árvores funcionam como coberturas vegetais que promovem sombra e evitam o ofuscamento proveniente das luzes, principalmente a solar. São comparadas a filtros naturais, por reter as partículas poluidoras do ar, como também os indesejáveis ruídos, quando a vegetação usada for densa. Além destes proveitos diretos ao ambiente, a vegetação atua benéficamente na sensação de bem-estar e na qualidade de vida dos que utilizam do ambiente coberto por espécies vegetais (VIERO; BARBOSA FILHO, 2009).

Os autores Gonçalves e Paiva (2002) demonstram que as funções das áreas verdes estão ligadas ao controle da poluição do ar e sonora, qualificação da ventilação, ciclo hidrológico; e estruturam o espaço servindo como referenciais da paisagem urbana. Ao se referirem sobre as funções sociais que apresentam as áreas verdes, mostram o espaço destinado ao usuário como local para circulação, distribuição do tráfego, lazer, esporte, contemplação, “emolduramento” dos planos de visão da paisagem, desenvolvimento cultural e produtivo, bem como espaços que intensificam a construção e solidificação das relações sociais e ecológicas.

2 PRAÇAS PÚBLICAS

2.1 A PRAÇA PÚBLICA E SEUS ASPECTOS CONCEITUAIS

Na literatura é possível encontrar vários autores que estabelecem significado para praça, muitos discordam entre si, porém os aspectos básicos referentes ao tema são comuns à grande maioria, pois consideram a área como local de uso público, permissiva ao encontro e ao exercício do lazer, que fortificam a vida em sociedade, a criação, produção e vivências culturais. Neste aspecto, Lynch (1980, p. 53) considera a praça como “ponto nodal, foco ou síntese de um bairro, sobre o qual sua influência se irradia e do qual é símbolo”. Já José Lamas pensa a praça como:

[...] lugar intencional do encontro, da permanência, dos acontecimentos, de práticas sociais, de manifestações de vida urbana e comunitária e de prestígio, e, conseqüentemente, de funções estruturantes e arquiteturas significativas. E apresenta-se como elemento básico na configuração e estruturação da paisagem urbana. É um elemento morfológico das cidades ocidentais, inexistentes anteriormente, distinguindo-se de outros espaços, que são resultado acidental de alargamento ou confluência de traçados - pela organização espacial e intencionalidade de desenho. (LAMAS, 2004, p. 102).

Os autores Melo e Romanini (2008) estabelecem que a praça pública deve receber certo destaque por representar um espaço de grande permanência nas cidades, apresentando também diversas funções exercidas em decorrência do espaço e apropriação da população diante de suas necessidades na estrutura urbana.

Robba e Macedo (2002, p. 17) conceituam o espaço aqui estudado como sendo locais “livres públicos urbanos destinados ao lazer e ao convívio da população, acessíveis aos cidadãos e livres de veículos”. Apresentando como principal função estreitar e reunir a população, devido a motivos culturais, socioeconômicos e políticos. Lima et al. (1994) abordam pontos sobre o termo que assemelham-se aos apresentados por Robba e Macedo, as considerando como “espaços livres urbanos utilizados como local público, servindo de pontos de encontro, cujas principais funções [sic] é de incentivar a vida comunitária e o lazer”.

Para Mueller (1996) o espaço urbano que concebe a praça é um espaço que apresenta área proporcional, além de condições adequadas que originem um bom aproveitamento por parte da população usual desse espaço. Sendo assim um ambiente destinado às práticas de lazer, diversão e atividades comunitárias.

Barros e Virgílio (2003) a consideram como um espaço que desempenha melhorias que vão além do meio ambiente, atuando de forma positiva sobre a ambiência do espaço em que foi implantada, devido à presença das áreas verdes, reduzindo o que consideram como os efeitos causados pelo homem no processo de urbanização. Além de proporcionarem, também, melhora na qualidade de vida da população.

Santos Filho (2004, p. 7) a delinea como espaço público, uma vez que a praça “é a espacialização da arena, onde as relações entre os homens são discutidas e onde se estabelece a passagem do abstrato – a discussão e a reflexão coletiva, a cidade ideal, pensada – para a cidade real”.

Dizeró (2006) apresenta que a praça deve ser considerada como uma área rica em símbolos, representando marco arquitetônico e local de ação, localidade na qual ocorrem a mudança e evolução da história do local onde se encontra inserida, bem como da sociedade e cultura. Considerando-a, por fim, como espaço de convívio social por excelência.

Para Font (2003), a praça é um local de encontro e reuniões, edificado para o uso de uma sociedade, considerando que, a partir desta utilização, o espaço passa a ser construído por aqueles que a utilizarão, com fortes significados, marcos centrais da constituição de trajetos, ponto de chegada e partida, concentração e dispersão. Além do mais, o autor a descreve como o espaço destinado à propagação e representação da história e cultura, composta por espaço para pedestres, comércio formal e informal, sendo possível encontrar, em algumas, a presença de feiras livres de artesanato e até mesmo de cunho turístico.

Segundo Queiroga (2001) são nas praças que se cria a oportunidade de relação entre os usuários, uma vez que permite a execução de ações culturais fundamentais, incluindo também manifestações cívicas. Para o autor, a praça é a representação do espaço que fortifica a ideia da identidade urbana, determinando que nem sempre o lazer privado, desenvolvido nos espaços modernizados, poderia proporcionar a criação ou aceitação de uma identidade urbana.

Leitão (2002) em seu texto determinou que todas as praças são na realidade unidades urbanísticas de extrema importância para a vida urbana, que exercem indispensáveis funções para o desenvolvimento, benéfico, da vida social. Para ela, as praças existem, na realidade, para atender às necessidades humanas, sejam essas físicas como também territoriais, pontuando-as em: Lazer – espaços destinados à recreação da população; Ecológica – presença total ou de parte dos solos permeáveis, possuindo espécies vegetais que desempenham melhora no microclima da cidade, além de poder contribuir para melhor qualidade de água, ar e do solo; Estética – construção de diversos planos de visão a partir de um bom paisagismo da área, contribuindo para o embelezamento das cidades; Educativa – quando possível, o espaço passa ser utilizado para práticas

educacionais, contribuindo para o desempenho curricular, escolar, acadêmico ou social; Psicológica – quando seu espaço transmite a partir dos elementos naturais bem-estar interior⁷ aos indivíduos que ali frequentam.

De acordo com Macedo e Robba (2002), as praças podem ser classificadas quanto aos seus valores em três categorias. Acerca dos valores ambientais, os autores descrevem que as praças desempenham melhoria na ventilação e aeração urbana, as árvores plantadas proporcionam sombreamento agradável, permitindo menor irradiação do calor refletido pelo asfalto e pisos concretados, as áreas de cobertura vegetal garantem melhoria na drenagem das águas pluviais, protegendo o solo contra a erosão. Para os **valores funcionais** os autores determinam que em geral as praças apresentam-se no espaço urbano como as principais ou até mesmo as únicas opções de lazer, servindo como local de encontro, contemplação, apresentações culturais, quiosques, ciclovias, equipamentos de atividade física, mobiliário lúdico e de descanso. Por último, foram definidos os valores estéticos e simbólicos que dizem respeito ao papel de objetos referenciais e cênicos que representam na paisagem urbana. Sendo também o espaço público responsável por expor a identidade da rua, bairro ou município.

Comumente as praças são consideradas como o principal local destinado e utilizado para a prática do diálogo, para o passeio e exercício do lazer dos grupos sociais. Uma vez que proporcionalmente influenciam a qualidade plástica das suas áreas limítrofes, devido às formas, cores e texturas que compõem o cenário visual local. Harder (2002) apresenta que geralmente as praças como espaços verdes possuem tamanho entre 100m² e 10 hectares, mas ressalta que antes da determinação de suas medidas é preciso conhecer, de fato, o entorno da área em que será implantada, não sendo desta maneira aceitável qualquer tipo de padronização de dimensões.

Atualmente, a praça apresenta como principal função, nas cidades brasileiras, ser um elemento estético da paisagem urbana, bem como espaços destinados à implantação de áreas verdes, excluindo em muitas regiões o papel de representar para uma população um dos principais locais destinados a interações sociais. Desta forma, os autores Harder (2002), Mendonça e Silva (2007) e Lindenmaier (2008) convergem ao considerar que a praça da atualidade representa o espaço livre público, caracterizado por grande função social. Tais praças são inseridas na malha urbana sendo destinadas à organização da circulação e amenização pública, possuidoras de equipamentos e mobiliários urbanos que proporcionam a sua utilização.

⁷ Psique/alma.

Para Gomes e Soares (2003) a inserção das praças no tecido urbano representa as características únicas de cada local, o que deve demonstrar, desta maneira, a singularidade de cada local, sejam tais características presentes nos traçados ou nos arranjos de vegetação locados nos espaços. Sendo considerados como espaços de predileção social para a convivência, em virtude destas composições vegetais.

Com isso, por demonstrarem os aspectos mais representativos de uma determinada localidade e população, mostrando as diversas formas de expressão e utilização do espaço, não é aceitável a ideia de criação de regras ou até mesmo dogmas que determinem ao que Macedo e Robba (2003) chamam de “(re)produção de espaços livres urbanos”. Os autores complementam que existem modernas técnicas construtivas e novos materiais surgindo que nos dão novas possibilidades. Para se adequar às necessidades urbanísticas da cidade do século XXI é necessário o uso de uma nova linguagem, novos usos e interpretações que congregam tanto formas já consagradas como as não usuais, tudo isso em contraposição à praça ajardinada do século XIX.

2.1.1 Funções e tipologias

O Capítulo VI do Título VIII da Constituição Federal (1988), ao abordar sobre o Meio Ambiente, expressa no art. 225 que “todos têm direito a um meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações”. O art. 66, I, do Código Civil brasileiro de 2002, ressalta o grande valor da praça, como espaço edificado que favorece um ambiente ecologicamente equilibrado nos centros urbanos, ao conceituá-la como “bem de uso comum, a par de contribuir para o embelezamento das cidades e auxiliarem nas condições sanitárias e higiênicas dos núcleos urbanos, assim como promoverem o intercâmbio social e cultural dos cidadãos” (BRASIL, 2002).

Nos últimos tempos uma crescente produção de espaços destinados a práticas sociais de convívio e lazer vem tomando conta do cenário urbano. Chamados de espaços da modernidade, como exemplo os parques e suas variações, shoppings e clubes, apesar de manter as características básicas de um espaço destinado ao lazer, acabam divergindo das praças, uma vez que são espaços urbanos, impessoais e desfavoráveis ao contato, convívio social, sem distinções, e principalmente às trocas sociais e culturais. Por se caracterizar como um espaço público destinado, além de compor a malha urbana, a ser um local de convívio cotidiano da comunidade urbana, a praça “precisa ser priorizada na cidade para que assuma não somente o seu papel de área de lazer, mas, sobretudo, de área verde,

contribuindo dessa forma como um aparelho importantíssimo na regulação do clima urbano” (GOMES, 2007, p. 16).

Diante dos importantes papéis, já citados, as praças apresentam benefícios que influenciam positivamente no psicológico de cada indivíduo e, conseqüentemente, de uma população, não apenas pela vegetação que apresentam, mas também pelo conjunto composto por elas e a disposição dos elementos físicos nelas presentes, que possibilitam a usabilidade para as práticas sociais, sejam essas de convívio ou de recreação, coletivas ou individuais. Segundo Robba e Macedo (2003) as praças modernas são espelho da disparidade cultural da sociedade contemporânea. Essas praças incorporaram elementos, desenhos, cores, materiais e diversas formas. Além do uso para contemplação, do convívio social e do lazer ativo, também foi incluído o uso comercial para atrair mais pessoas ao uso da praça.

A praça, sendo representada como espaço público, deve apresentar atrativos e qualidades que permitam a sua utilização de forma individual e coletiva, proporcionando livre acesso e circulação a toda população. A presença de vegetação torna o espaço público mais convidativo, caracterizando-o como local adequado para o exercício do lazer, além de enaltecer o embelezamento da paisagem urbana. Desta forma, a composição vegetal não deve ser feita de forma estática, uma vez que precisa relacionar-se com as atividades sociais oferecendo conteúdo e significado ao meio. Diversos autores classificam as praças sob diferentes aspectos, como: quanto ao sentido da palavra, quanto à sua relação com a via pública, quanto ao seu arquétipo e quanto à sua categoria. Tais qualificações são apresentadas no Quadro 1, em seguida:

Quadro 1 – Tipologias de praças

Quanto ao sentido da palavra praça (ROBBA e MACEDO, 2003).	Praça jardim	Praça seca	Praça azul		Praça amarela	
	Espaços nos quais a contemplação da formação vegetal e circulação são privilegiados.	Largos históricos ou espaços que suportam intensa circulação de pedestres.	Praças nas quais a água possui papel fundamental. Belvedere se jardins de várzea possuem tal característica.		Praias em geral	
Quanto às vias públicas como elemento estruturador (RIGOTTI, 1956).	Praça radial	Praça em leque	Praça de junção tangencial	Praça quadrangular e retangular	Praça de junção axial ou de atravessamento direto	Praça triangular
	Quando diversas vias confluem simetricamente ou não, a um único foco no centro de um amplo espaço.	São consideradas uma parte menor da anterior, onde a confluência em um ponto é limitada a poucas vias que partem em raios de um único setor.	São as que permitem um circulação giratória, a partir de uma única via que faz a circulação da mesma.	São fruto do cruzamento de 4 vias, sendo 2 a 2 paralelas entre si.	A intersecção ortogonal de duas vias propicia o aparecimento desse arquétipo.	São resultado da interseção de 3 vias.
Quanto à tipologia ou arquétipo (RIGOTTI, 1956).	Praça de descanso		Praça de circulação			
	Praça de estacionamento Praças de estação Praça para edifícios públicos		Praças de mercado Praças de igreja e palácios Praças de reuniões Praças monumentais			
Quanto às categorias (MATAS COLOM et al, 1983).	Praças de significação simbólica	Praças de significação visual	Praças com função recreativa		Praças com função de circulação	
	Caracterizada por ser um marco urbano de fácil recordação. É quase sempre de desenho monumental e se relaciona com algum acontecimento de importância nacional	Aquela da qual as pessoas não recordam por si, mas pelo monumento ou edificação geralmente pública.	Aquela que se reconhece pelo desenvolvimento de atividades de entretenimento.		Aquela que devido à sua localização, converte-se em lugar de passagem obrigatória de veículos e pedestres.	

Fonte: COSTA, 2008.

2.2 ORIGEM E EVOLUÇÃO DA PRAÇA

Neste capítulo são contempladas as tipologias principais de praças que são encontradas na evolução urbana no Brasil.

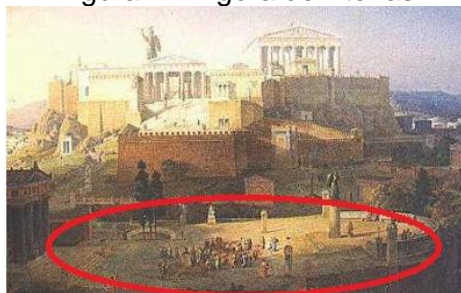
Desde os tempos mais longínquos que a praça é considerada como um referencial urbano, que se destaca por promover o convívio entre os habitantes que compõem uma sociedade. Ao se tratar da evolução deste importante espaço público, considera-se que muito está relacionado ao progresso cultural, uma vez que são nas praças que se encontra uma propensão à difusão e fortalecimento das práticas culturais. Desta forma, é possível perceber que, ao decorrer dos anos e associado às mudanças e/ou evolução da cultura, cada período histórico, mundial e nacional apresenta seu estilo próprio de praças que se relacionava com as construções destes locais.

Documentada esta evolução, vários autores como Segawa (1996), Mumford (1998), Benevolo (2003), Robba e Macedo (2003) e Lamas (2004) revelam, partindo do ponto de vista histórico e urbano, a configuração e evolução da praça ao longo dos períodos históricos. Ressalta-se a importância de uma breve abordagem sobre o histórico evolutivo da praça nas urbes para o entendimento do processo pelo qual este ambiente passou até a roupagem que apresenta na atualidade.

2.1.2 Ágora grega

A ágora grega (Figura 1) formou-se na porção central da cidade de Atenas, rodeada por casarios. Era o espaço aberto ideal para o encontro e manifestação da população, que expunha opiniões políticas. A ágora era uma grande praça, na qual se formavam as correntes de opinião, principalmente políticas (SEGAWA, 1996; MUMFORD, 1998; BENÉVOLO, 2003; ROBBA e MACEDO, 2003 e LAMAS, 2004).

Figura 1 – Ágora de Atenas

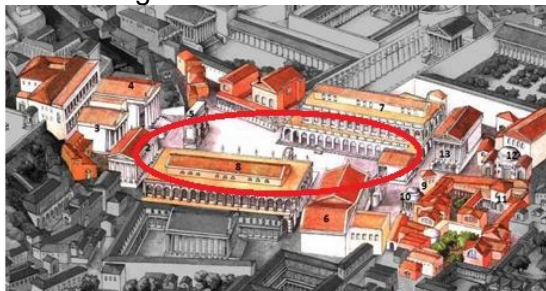


Fonte: Adaptado de ARTE E HISTÓRIA, 2015.⁸

2.1.3 Fórum romano

O fórum romano (Figura 2) era um espaço no qual é possível encontrar de forma misturada os edifícios dedicados à basílica, a praça central, o mercado, os templos e o teatro, sem apresentar relação entre si, devido ao seu traçado complexo e desordenado, diferente do que se percebia na ágora (SEGAWA, 1996; MUMFORD, 1998; BENÉVOLO, 2003; ROBBA e MACEDO, 2003 e LAMAS, 2004).

Figura 2 – Fórum romano



Fonte: Adaptado de MILHAS A PERCORRER, 2015.⁹

2.1.4 Praças medievais

As praças medievais (Figura 3) eram locais destinados à sociedade, onde eram desenvolvidas atividades de comércio, devido à presença do mercado, além do desenvolvimento de encontros políticos. Na maioria das vezes apresentavam morfologia irregular, tratando-se de espaços públicos resultantes de um vazio aberto na composição urbana, possuindo caráter de centralidade no qual se destacam duas funções. A primeira referente ao local de relação social e a segunda refere-se à função que essas praças

⁸ ARTE E HISTÓRIA. **Ágora de Atenas**. Disponível em: <http://arteehistoriaepci.blogspot.com.br/2012/09/a-cultura-da-agora-modulo-1.html>. Acesso em: 25 set. 2015.

⁹ MILHAS A PERCORRER. **Fórum romano**. Disponível em: <http://milhasapercorrer.blogspot.com.br/2012/02/um-tour-pelo-forum-romano.html>. Acesso em: 25 set. 2015.

apresentam de sede institucional da comunidade, onde o indivíduo se expõe aos olhos do outro. (SEGAWA, 1996; MUMFORD, 1998; BENÉVOLO, 2003; ROBBA e MACEDO, 2003 e LAMAS, 2004).

Figura 3 – Cidade medieval

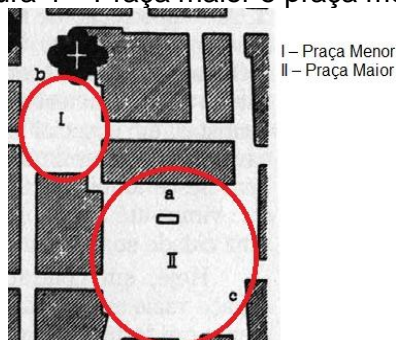


Fonte: Adaptado de LX, 2015.¹⁰

2.1.5 Praça maior e praça menor

A praça maior e a praça menor (Figura 4) são datadas do século XIII, formaram-se nos mercados ou próximo às igrejas, que se localizavam em áreas externas aos muros dos castelos, fora do tecido urbano das cidades hispânicas e hispano-americanas. No século XIV, tornaram-se um local de reuniões, devido ao processo de evolução funcional. Já no século XV, em virtude do desenvolvimento desse processo, elas passaram a incorporar mais funções, como espaço destinado a apresentações teatrais, touradas, jogos, além do mercado semanal, representações e prática da justiça.

Figura 4 – Praça maior e praça menor



Fonte: Adaptado de PINTO, 2003.¹¹

¹⁰ LX. Cidade medieval. Disponível em: http://www.lx.it.pt/Bian2000/Bian'00_files/Bian'00GenInfo.htm. Acesso em: 27 set. 2015.

¹¹ PINTO, Renata Inês Burlacchini Passos da Silva. **A praça na história da cidade: o caso da Praça da Sé – Suas faces durante (1933/1999).** [Dissertação] UFBA, Salvador, 2003.

2.1.6 Praça de armas

A praça de armas (Figura 5) caracteriza-se por apresentar duas conformações díspares. Na primeira, a praça localizava-se no meio da cidade fortificada, ponto do qual partiam vias que orientavam até os principais portões e pontos de defesa da cidade. Na segunda, um campo amplo desprovido de árvores e desabitado, locados dentro ou fora dos muros da cidade fortificada, era o lugar onde se estabelecia a praça de armas. Esta tipologia de praça é considerada por muitos autores como uma variante da praça maior, por apresentar estruturação física semelhante, como amplo espaço aberto e pelo menos um uso comum como mercado (SEGAWA, 1996; MUMFORD, 1998; BENÉVOLO, 2003; ROBBA e MACEDO, 2003 e LAMAS, 2004).

Figura 5 – Praça de armas



Fonte: Adaptado de PANORARAMA CAJAMARQUITO, 2015.¹²

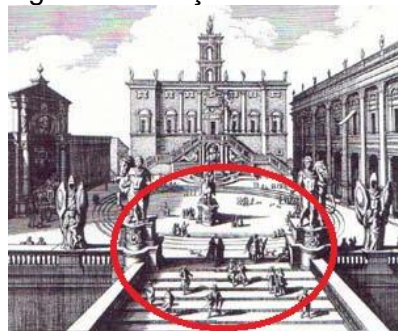
2.1.7 Praça renascentista

A praça renascentista (Figura 6) configura-se pela introdução de elementos que permitiam vários planos de visualização, e a criação de visuais filtrantes, como pórticos, fontes, colunas, obeliscos e pavimentação do espaço. Uma das principais características das praças renascentistas é a disposição de se desenvolver com base em eixos, tem caráter axiforme¹³ (SEGAWA, 1996; MUMFORD, 1998; BENÉVOLO, 2003; ROBBA e MACEDO, 2003 e LAMAS, 2004).

¹² PANORARAMA CAJAMARQUITO. **Praça de armas.** Disponível em: <http://www.panoramacajamarquino.com/noticia/cercaran-las-areas-verdes-de-plaza-de-armas-en-carnaval/>. Acesso em: 27 set. 2015.

¹³ Que possui uma forma de eixo.

Figura 6 – Praça renascentista



Fonte: Adaptado de PINTO, 2003.¹⁴

2.1.8 Praça barroca

A praça barroca (Figura 7) é originada a partir do movimento Barroco. Esta tipologia de praça apresentava como principal objetivo trabalhar com a monumentalidade “infinita”, que construía a nova realidade que busca o período em que fora criada. Diferente das praças renascentistas, as barrocas possuíam a necessidade da direção e do movimento, na qual a emoção seria causada pelo impacto cênico, comovendo e subjugando quem utilizasse o espaço público. Os mercados, característicos de outras tipologias, passaram a dar lugar aos jardins, árvores, bancos e pérgolas (SEGAWA, 1996; MUMFORD, 1998; BENÉVOLO, 2003; ROBBA e MACEDO, 2003 e LAMAS, 2004).

Figura 7 – Praça barroca



Fonte: Adaptado de DUES ARTE, 2015.¹⁵

2.1.9 Praça eclética

Robba e Macedo (2002) apresentam os vários elementos presentes na linha projetual, caracterizando a praça eclética (Figura 8) pela presença de grandes áreas

¹⁴ PINTO, Renata Inês Burlacchini Passos da Silva. **A praça na história da cidade: o caso da Praça da Sé – Suas faces durante (1933/1999).** [Dissertação] UFBA, Salvador, 2003.

¹⁵ DUES ARTE. **Praça barroca.** Disponível em: <http://duesarteblog.com.br/tag/viajando-para-paris/>. Acesso em: 27 set. 2015.

ajardinadas, funções básicas destinadas ao passeio, convivência social e contemplação da natureza. As praças ecléticas apresentam características típicas como seu traçado em cruz e variações, estar central com ponto focal, canteiros geométricos, simetria, presença de eixos, áreas destinadas ao passeio, locada na parte perimetral, parterres¹⁶, coretos, monumentos, estátuas, fontes, espelhos d'água, grande quantidade de área permeável, vegetação arbustiva e forrações, dispostas como bordaduras dos canteiros e caminhos, presença de arbustos, arbóreas ao longo dos passeios para sombreamento, sendo utilizadas, primordialmente, de espécies exóticas europeias à utilização de espécies nativas, geometrização e simetria no plantio da vegetação e gramados com poda topiaria (SEGAWA, 1996; MUMFORD, 1998; BENÉVOLO, 2003; ROBBA e MACEDO, 2003 e LAMAS, 2004).

Figura 8 – Praça eclética



Fonte: Adaptado de IEPHA, 2015.¹⁷

2.1.10 Praça romântica

Ainda seguindo as descrições que Robba e Macedo (2002) fazem, a praça eclética romântica (Figura 9) possui vegetação exuberante, aplicando forrações, arbustivas e arbóreas de forma a criar cenários, e são caracterizadas por um traçado orgânico e de linhas sinuosas, que demarcam o contexto social e artístico do momento histórico que se passava, no qual as cidades se industrializavam no século XIX e início do século XX, estares e recantos contemplativos, lagos serpenteantes, coretos, pavilhões, espelhos d'água, estátuas, monumentos, fontes, grutas arcos, templos, malocas (aldeias indígenas), castelos, grande quantidade de área permeável, criação de cenário naturalista, criação de

¹⁶ Jardins com adornos complexos fazendo uso de topiaria, que é um modo de ornamentação de plantas com podas e cortes, moldando-as.

¹⁷ IEPHA. **Praça eclética**. Disponível em: <http://www.iepha.mg.gov.br/component/content/article/3322-guia-dos-bens-tombados-iephamg/1331-belo-horizonte-praca-da-liberdade>. Acesso em: 2 out. 2015.

visuais, utilização cênica da vegetação. O uso de espécies exóticas europeias permanece, mas as espécies nativas se mostram mais presentes. Apresentava características semelhantes às praças ecléticas, como área de passeio e caminhos que percorrem toda a área e contemplação da natureza (SEGAWA, 1996; MUMFORD, 1998; BENÉVOLO, 2003; ROBBA e MACEDO, 2003 e LAMAS, 2004).

Figura 9 – Praça romântica



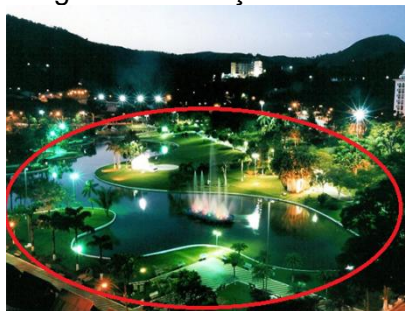
Fonte: Adaptado de ITMS, 2015.¹⁸

2.1.11 Praça moderna

Para Robba e Macedo (2002) as características incorporadas à praça moderna (Figura 10) se caracterizam por ser uma área livre ajardinada, com funções destinadas ao lazer contemplativo, lazer cultural, lazer esportivo e à recreação infantil. É um espaço destinado não apenas à passagem de transeuntes, mas, principalmente, à permanência dos seus usuários. Este tipo de praça é baseado na estruturação formal e funcional do espaço, sendo um espaço considerado imprescindível para um bom desenvolvimento social e do ambiente urbano. Priorizando a setorização de atividades, a utilização de formas orgânicas, geométricas e mistas para pisos, caminhos, canteiros e espelhos d'água, a liberdade na composição formal, respeitando os dogmas modernistas, grande área de pisos processados, criação de estares e recantos com elementos centrais de projeto, circulações estruturadas por sequência de estares, valorização de ícones e signos da cultura nacional e regional, vegetação utilizada como elemento tridimensional de configuração de espaços, plantio em maciços arbóreos e arbustivos, formando planos verticais, plantio de forrações como grandes tapetes, larga utilização e valorização da flora nativa e tropical (SEGAWA, 1996; MUMFORD, 1998; BENÉVOLO, 2003; ROBBA e MACEDO, 2003 e LAMAS, 2004).

¹⁸ ITMS. **Praça romântica**. Disponível em: <http://itms.net.br/blog/page/9/>. Acesso em: 2 out. 2015.

Figura 10 – Praça moderna



Fonte: Adaptado de CHALÉS LAGO AZUL, 2015.¹⁹

¹⁹ CHALÉS LAGO AZUL. **Praça moderna**. Disponível em: <http://chalesslagoazul.com.br/a-cidade/praca-adhemar-de-barros/>. Acesso em: 5 out. 2015.

3 O PAPEL DA PRAÇA NAS CIDADES BRASILEIRAS

No Brasil, o surgimento das praças se deu de duas formas, a primeira nas ocupações indígenas e a segunda nas vilas implantadas pelos colonizadores do nosso país, e com o desenvolver da colonização essas formas acabaram se misturando. Entre os índios, a praça aparecia numa zona centralizada e representava um local sagrado. Nas aldeias e assentamentos indígenas viventes no Brasil, na maior parte das vezes, esta organização se dava em formato circular, com as cabanas situadas ao redor de uma área livre central. (CALDEIRA, 2007).

Ainda de acordo com a autora, com a chegada dos portugueses este processo se deu pelo conceito vitruviano de centro político-administrativo, onde estavam locados os principais edifícios da cidade, servia como ponto de encontro, assim como local de trocas comerciais e de manifestações. A ocupação inicial do território brasileiro pelos portugueses apresenta traços de influência da forma de organização das aldeias brasileiras. (CALDEIRA, 2007).

Na praça colonial, o legado do urbanismo português esteve presente desde os primitivos núcleos urbanos.

As vilas e cidades foram constituindo-se com base em características precisas de uso e ocupação do território, apoiadas na tradição portuguesa. [...] Em relação ao espaço urbano, as praças aparecem justamente como locais de articulação urbanística e arquitetônica, cujo espaço reúne as principais estruturas institucionais da cidade. [...] Característica fundamental na estruturação dessas praças é a formulação de vários modelos para abrigar funções e atividades diferentes. A configuração desses conjuntos urbanos consolidou um padrão urbanístico que se implantou na maioria das cidades brasileiras: espaços distintos de caráter cívico, religioso e comercial. (CALDEIRA, 2007, p. 72).

Tendo origem nas primeiras vilas e povoados do período colonial, a primária praça brasileira dispunha em seu espaço físico a funcionalidade de mercado e comércio, espaço para manifestação de cunho militar e político, como também área destinada ao entretenimento. Os autores Robba e Macedo (2003) explicam que é a partir da morfologia das cidades coloniais, que surge o espaço público da praça. Formada por meio de sistema de doação de sesmarias, devotada a determinado santo, para o qual era construída uma capela e instituição de paróquia. Ao redor da capela, aos poucos surgiam os casarios além das construções que formavam a "freguesia, arraial ou vila", sendo o centro formando por um espaço livre, no qual era destinado ao adro da igreja. Este espaço, onde se origina a

praça (Figura 11), aos poucos foi sendo solidificado como espaço essencial para a relação entre a comunidade e a paróquia.

Figura 11 – Praça no Brasil colônia (Igreja de São Francisco/Salvador)



Fonte: VIAJE AQUI, 2015.²⁰

O final do século XIX e começo do século XX marcam o período no qual passaram a ser inseridos nos espaços das praças os jardins (Figura 12). As principais praças do período passaram a ser compostas por ornamentos como canteiros de árvores e flores que embelezavam o espaço. Porém, a introdução destes elementos ocasionou a perda, para as praças mais tradicionais, das características de "largo, pátio e terreiro", de acordo com Robba e Macedo (2003).

Figura 12 – Ajardinamento Paço imperial, 1893



Fonte: CALDEIRA, 2007.

A introdução desses elementos nas praças impulsionou o surgimento de uma nova tipologia urbana, a praça ajardinada (Figura 13). Ainda de acordo com os autores supracitados esta tipologia foi, na realidade, a transição entre as praças das cidades de

²⁰ VIAJE AQUI. Praça no Brasil colônia – Igreja de São Francisco/Salvador. Disponível em: <http://imgms.viajeaqui.abril.com.br/1/foto-galeria-materia-620-gum4.jpeg?1333479575>. Acesso em: 20 out. 2015.

urbanização colonial para as de urbanização moderna, que precisavam representar beleza, higiene, além de serem pitorescas. A cidade modelo modernista necessitava ser planejada para atender obrigações como habitação, trabalho e lazer e suas praças seguiam estes moldes (Figura 14).

Figura 13 – Praça Brasil, Carazinho/RS, 1950



Fonte: FLICKR, 2015.²¹

Figura 14 – Praça de Cristal, Brasília/DF, 1970



Fonte: VITRUVIUS, 2015.²²

De acordo com Gomes (2005), em nosso país, principalmente em pequenas cidades, ainda é comum conceber uma imagem das praças principais dessa urbe como sendo as praças localizadas na região central, como também é comum associá-la à presença de uma igreja, pois estes elementos são conformados como pontos referenciais urbanos, típicos desta região da cidade. Sendo o caso na cidade de São Paulo, da Praça da Sé; em Belém, da Praça da República; e em Aracaju, da Praça Olímpio Campos.

Ainda segundo o autor, as formas e funções das praças passaram por um processo evolutivo que visava atender às necessidades de cada época. No Brasil, arquitetos e

²¹ FLICKR. **Praça Brasil/Carazinho, 1950.** Disponível em: https://c2.staticflickr.com/6/5572/15315607802_a6da13773b_b.jpg. Acesso em: 2 nov. 2015.

²² VITRUVIUS. **Praça Cristal/Brasília.** Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/15.058/5210?page=7>. Acesso em: 27 out. 2015.

paisagistas seguiram diversas correntes para estruturar e reestruturar estes espaços aos moldes dos hábitos, costumes e valores que eram vigentes em cada época. Para tanto, Robba e Macedo (2003) apresentam notas que consideram que, no Brasil, as principais linhas arquitetônicas e paisagísticas usadas no ambiente praça foram a eclética, romântica e moderna.

Diversos estudos de análise sobre praças brasileiras, com relevância para algumas cidades, vêm sendo feitos, como os feitos por Pegolo e Demattê (2002), De Angelis et al. (2005), Silva et al. (2007; 2008), Melo e Romanini (2008), Borella (2009). Tais trabalhos apresentam ampla benfeitoria ao aprofundamento dos conhecimentos sobre os respectivos locais onde os estudos foram realizados, apontando temas de ordem geral, que permitem uma linha de segmentos para demais aprofundamentos e pesquisas que possibilitem um melhor entendimento desses espaços.

4 MATERIAIS E MÉTODOS

Para a realização deste trabalho, foi adotada a seguinte metodologia: revisão bibliográfica utilizando-se de livros, teses, dissertações, monografias e artigos que se correlacionam com a temática “espaços públicos livres urbanos” e especialmente as praças, como elas surgiram e como se deu sua evolução no Brasil.

Em seguida foi elaborado um estudo histórico sobre o surgimento da cidade de Aracaju e como se deu a sua evolução até a atualidade, destacando de forma concisa pontos essenciais para o entendimento deste processo. Sendo apresentados, inicialmente, alguns parâmetros sobre cada uma das praças, como: localização, área de ocupação do entorno imediato, quantidade total de exemplares arbóreos, Índice de Densidade Arbórea (IDA) e Índice de Sombreamento Arbóreo (ISA). Não é objetivo deste trabalho especificar vegetação e estilos dos edifícios inseridos nas praças ou em suas adjacências.

Efetuuou-se levantamento de dados²³ nos seguintes locais: Biblioteca Central da UFS, Biblioteca da UNIT, Biblioteca Pública Epifânio Dória, Biblioteca Mário Cabral (Centro Cultural de Aracaju), Biblioteca vice-governador Manoel Cabral Machado (Palácio Museu Olímpio Campos), Arquivo Público Estadual de Sergipe (Apes), Memorial de Sergipe; junto aos órgãos municipais, tais como: Empresa Municipal de Obras e Urbanização (Emurb), Acervo Público da Emurb; instituições, como: Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE) e Instituto Tobias Barreto, em busca de registros históricos, primordialmente imagens; e acervo particular de Murilo Mellins, Rosa Faria, Alexandre Diniz, Ana Medina, Dora Diniz, Vera França e Ana Libório, em busca de documentos que auxiliaram na descrição e observação das transformações espaciais que ocorreram nas praças em estudo.

Depois dos dados tratados e organizados, afim de alcançar a necessária organização para a apresentação desses dados, foram criados quadros para subsidiar as análises e para uma visualização mais dinâmica e dialética das informações coletadas.

As variáveis escolhidas para análise foram fundamentadas em Demattê (1999), Lira Filho (2002; 2003), e Depavê (s.d.), sendo: Imagem da praça na época (quando possível mais de uma) e inseridas marcações nas imagens dos elementos analisados a seguir que podem ser observados nessas imagens; Nome da praça na época; Traçado, geometria; Vegetação (arbóreas, arbustivas e gramíneas e espécies quando possível); Uso; Edificações e equipamentos urbanos; e Mobiliário urbano.

²³ Fotografias, mapas, gravuras e plantas baixas.

Após a realização da coleta de dados, iniciou-se o processo de tabulação das informações obtidas. As análises foram realizadas sob dois aspectos: o primeiro, se referindo à correlação dos dados, a fim de observar as fases em que ocorreram estas transformações físicas das praças, comparando esses momentos de intervenção espacial entre todas as praças estudadas num mesmo recorte temporal, quantificando os dados, quando possível; e o segundo, considerando as características analisadas e compilando-as num quadro geral desde a implantação destas áreas até o momento atual, podendo, assim, observar os aspectos semelhantes e distintos na espacialidade dessas praças.

Para a elaboração dos quadros de análise comparativa entre as praças apresentadas neste capítulo foram empregados os seguintes parâmetros:

- a) Folha tamanho A3: para a melhor visualização das marcações feitas nas imagens dos quadros correlacionados aos dados nelas existentes;
- b) Formatação das fontes nas Referências Bibliográficas: em consequência dos quadros terem sido construídos por um grande número de fontes, foi necessário indicá-las nas Referências com numeração (ficando fora da Norma por se tratar de um caso excepcional);
- c) Indicação das fontes nos quadros: para o preenchimento dos quadros, nos mais diversos parâmetros avaliativos, foram utilizadas todas as Referências Bibliográficas numeradas por ordem alfabética de [1] a [33].
- d) Fontes utilizadas para a confecção dos quadros: para uma melhor percepção das fontes usadas nos quadros, segue quadro com lista isolada de todas elas:

Quadro 2 – Lista de fontes usadas nos quadros de informações das praças na região central de Aracaju

[1]	ARAÚJO, 2006	[12]	FERREIRA, 1959	[23]	MELLINS, 2001
[2]	BARBOZA, 1992	[13]	FERREIRA, 2012	[24]	OLIVEIRA, 1996
[3]	BARRETO, 2002	[14]	FIGUEIREDO, 2003	[25]	PORTO, 1991
[4]	CABRAL, 1955	[15]	FIGUEIREDO, sd	[26]	RIBEIRO, 1989
[5]	CALASANS, 1942	[16]	FRANÇA; FALCON, 2005	[27]	ROCHA, 1963
[6]	CASTRO, 1967	[17]	INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SERGIPE, 1913	[28]	SANTANA, 1983
[7]	CHAVES, 2004	[18]	LEITE, 1989	[29]	SANTOS, L., 1998
[8]	CORRÊA; ANJOS, 2004	[19]	LOUREIRO, 1983	[30]	SANTOS, M., 2008
[9]	CORREIO SERGIPENSE, 1944	[20]	MACHADO, A., 1990	[31]	SILVA, C., 1920

[10]	CORREIO SERGIPENSE, 1962	[21]	MACHADO, E., 1990	[32]	SOBRINHO, 2003
[11]	CRUZ, 1999	[22]	MENDONÇA, J., 2007	[33]	WIEDMANN, 1955

Fonte: Próprio autor, 2016.

e) Modelo de quadro: cada quadro consta de imagem da praça na época (quando possível mais de uma) e inseridas marcações nas imagens em que podem ser observados os elementos analisados a seguir: Nome da praça na época; Traçado, geometria; Vegetação (arbóreas, arbustivas e gramíneas e espécies quando possível); Uso; Edificações e equipamentos urbanos; e Mobiliário urbano.

f) Imagens: imagens relevantes ao período analisado com indicações dos dados inseridos nos quadros para um melhor entendimento e verificação da informação relacionada;

g) Periodização das análises: os períodos determinados para cada análise foram no intervalo de 30 em 30 anos, utilizando as informações coletadas com data mais próxima ao ano que está estabelecido no quadro, sendo o último quadro de análise com intervalo de dez anos, justificado pela decorrência das grandes mudanças ocorridas na cidade neste recorte temporal, motivando também grandes mudanças na área central, bem como nas praças inseridas nessa área. Este intervalo foi determinado, pois se encaixa em datas de importantes acontecimentos políticos, sociais, entre outros, tanto no âmbito local, nacional e mundial, que ocasionaram e/ ou influenciaram mudanças significativas nestes espaços. Os anos avaliados no recorte temporal de 1855 a 2015 são os seguintes:

1. 1855: ano de implantação da cidade.
2. 1885: período próximo à Proclamação da República.
3. 1915: o Estado começou a operar de maneira mais intensa e assídua nas intervenções ocorridas na cidade, em especial no quesito infraestrutura.
4. 1945: segunda guerra mundial.
5. 1975: processo de periferização e de efetivação do centro como área predominantemente comercial.
6. 2005: após um período de empobrecimento da população de uso do centro, esta região iniciou um processo de revalorização desta área.
7. 2015: continuação do processo de revalorização em toda a região central de Aracaju.

h) Análises: São feitas no formato de quadros, usados para fazer as análises comparativas entre as praças, utilizando imagens relacionadas à época e descrevem

sucintamente as características encontradas nas praças nessas épocas, de acordo com a itemização apontada no item e. Fazendo apontamentos de acordo com a necessidade.

i) Resultados: A partir das análises feitas em cada um dos períodos, as características em comum ou díspares são condensadas num quadro geral para se perceber quais fatores, abordados ao longo de todo o trabalho, influenciaram as alterações ocorridas.

Através dessa análise, foi possível indicar a partir da teoria estudada quais os momentos históricos, políticos, econômicos e sociais influenciaram essas mudanças.

5 ARACAJU: DA FUNDAÇÃO À ATUALIDADE

Segundo Araújo (2006), “o município de Aracaju está inserido na mesorregião do Leste Sergipano, compreendido entre as coordenadas geográficas de 10° 55'56” de latitude Sul e 37°04'23” de longitude Oeste”. Está limitada ao Norte pelo o rio do Sal, que separa a capital do município de Nossa Senhora do Socorro; na região Sul, limita-se com o rio Vaza-Barris; na porção Oeste, faz limite com os municípios de São Cristóvão e Nossa Senhora do Socorro; e a Leste com o rio Sergipe e Oceano Atlântico.

O desenvolvimento da cidade pode ser dividido em cinco fases, conforme Chaves (2004):

Fase 1: O Quadrado de Pirro²⁴ de 1855 a 1905

No ano de 1855, foi apresentado projeto que determinava a elevação do povoado de Santo Antônio de Aracaju à categoria de cidade, pelo então presidente da província Inácio Joaquim Barbosa. O projeto estabelecia também no dia 17 de março a mudança da capital de São Cristóvão para a jovem cidade (PORTO, 1991).

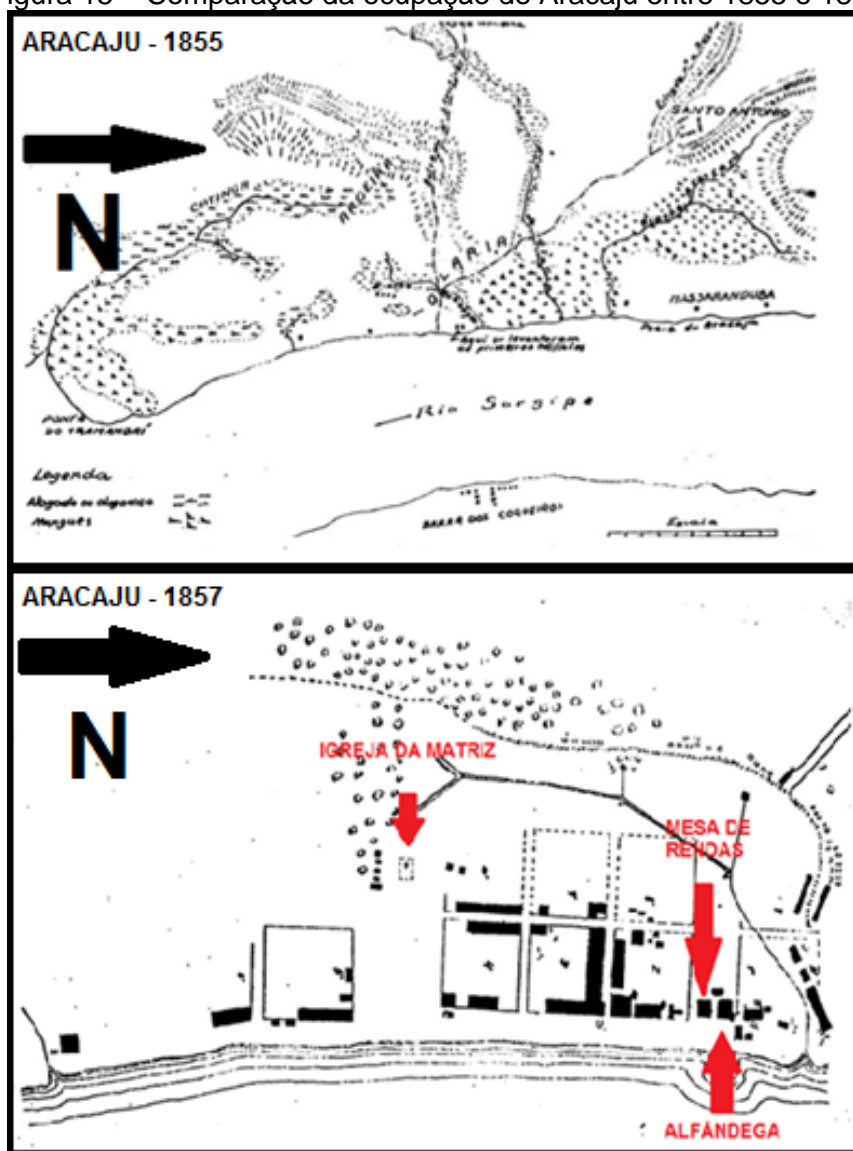
O primeiro período começa com a fundação (1855) e dura cerca de dez anos. Segundo Porto (1991, p. 11), “é o que poderíamos considerar o período da conquista, caracterizado pelos movimentos iniciais de expansão favorecidos e estimulados, [...] pela ação do governo provincial”.

O plano urbanístico de Aracaju (Figura 15), desenvolvido por Sebastião José Basílio Pirro²⁵, estabelecia a implantação da cidade em área de pântanos e charcos (ARACAJU, 1989). De acordo com Porto (1991) e Loureiro (1983), o que havia de planejado no desenho urbano de Aracaju é que o centro da cidade deveria coincidir com o centro do poder político-administrativo; a atual “Praça Fausto Cardoso” foi o ponto de partida para o crescimento da cidade.

²⁴ Empregou quarteirões retangulares, em seu desenho urbano inicial, a cidade - dentro de um quadrado de 1188 metros (540 braças) de lado - possuía 32 quadras, cada uma com medidas de 110mx110m (55 braças) separados por ruas de 13,20 metros (60 palmas) de largura, com malha viária ortogonal em traçado tabuleiro de xadrez, projetado pelo engenheiro Sebastião José Basílio Pirro (VILAR et al., 2006).

²⁵ Capitão dos engenheiros, foi talvez o primeiro engenheiro brasileiro a receber o trabalho de planejar uma cidade que nascia (ARACAJU, 1989).

Figura 15 – Comparação da ocupação de Aracaju entre 1855 e 1857



Fonte: Adaptado de Porto (1945).

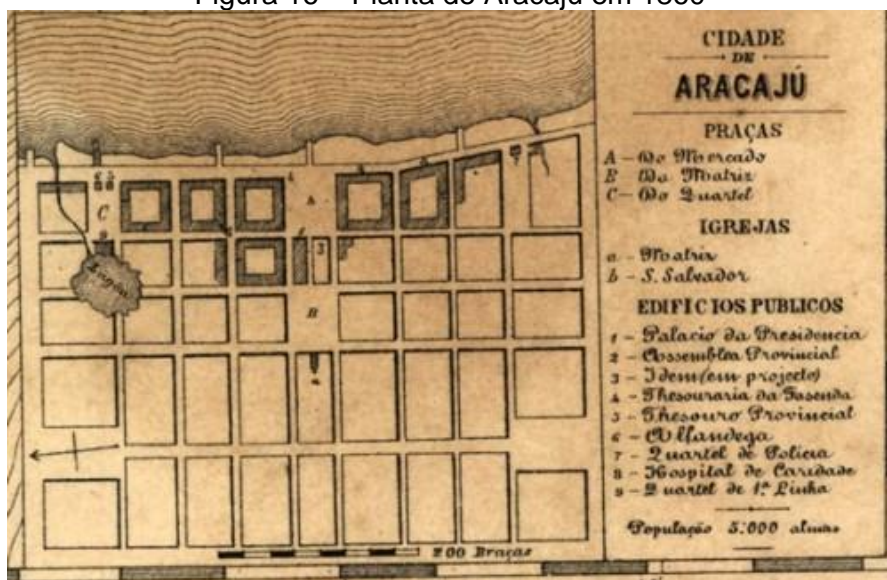
O projeto da nova capital do Estado de Sergipe seguia um rigor geométrico²⁶, o qual adotava um plano simples de alinhamentos de ruas dentro de um quadrado que se estendia da embocadura do Rio Aracaju (hoje inexistente), até as esquinas das avenidas Ivo do Prado com Barão de Maruim e a Rua Dom Bosco, antiga Rua São Paulo. A única rua que seguiu o processo com traçado curvo foi a Rua da Aurora, por exigência de Inácio Joaquim Barbosa. Este primeiro ponto de vista só teria seus limites ultrapassados após 50 anos, período no qual a população menos favorecida passa a ocupar as margens (zona periférica) da cidade que havia sido planejada (ARACAJU, 1989).

²⁶ No Brasil, Aracaju foi uma das primeiras a ter a tendência geométrica.

Apesar de ser conhecida como a primeira cidade do Brasil a ser planejada, muitos autores, como Vilar (2006), assim como Santos e Vargas (2007), afirmam em seus estudos que Aracaju é na realidade uma cidade projetada, uma vez que a cidade só poderia ser planejada se suas diretrizes fossem tomadas pensando no futuro da cidade, ou seja, considerando-se o planejamento urbano e levando em consideração a provável situação da cidade em longo prazo, o que não aconteceu.

De acordo com Loureiro (1983), a população menos abastada residia fora do “Quadrado”, o que demonstrava, segundo ela, que o projeto criado por Pirro estabelecia na cidade uma área nobre. Esta região considerada fora da região projetada da cidade, corresponde à Rua Divina Pastora, entre a estrada que levava ao povoado Santo Antônio e o oceano. Além do esboço das primeiras ruas vale ressaltar que a população aracajuana mantinha como costume a utilização e apropriação das praças, as quais eram utilizadas principalmente em momentos festivos como quermesses, eventos religiosos, ou até mesmo em ações políticas, uma vez que essas praças ficavam localizadas no centro administrativo e religioso da cidade, conforme é possível observar na Figura 16, com indicações em legenda das praças existentes, igrejas e edifícios públicos; podendo de comparar com planta de 1865 (Figura 20), em que se observa praticamente os mesmos elementos, indicando o crescimento lento pelo qual a cidade passava.

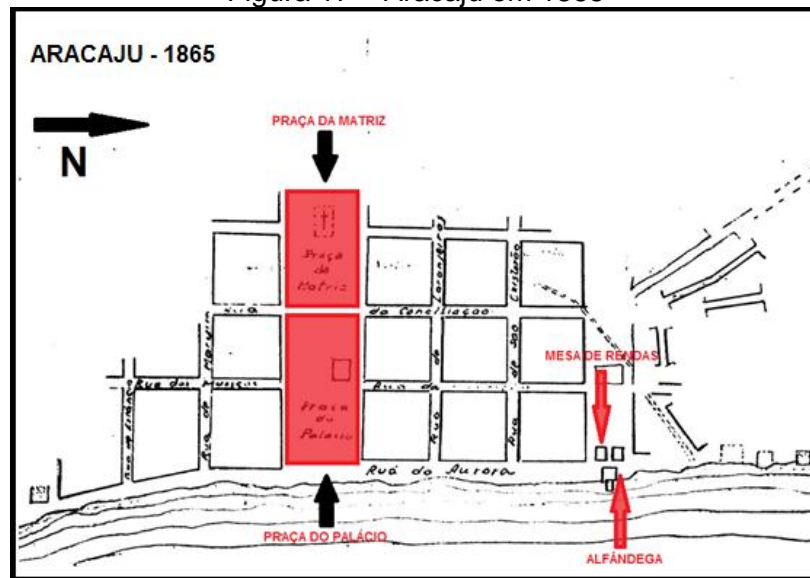
Figura 16 – Planta de Aracaju em 1860



Fonte: MÉDICOS ILUSTRES DA BAHIA, 2016.²⁷

²⁷ MÉDICOS ILUSTRES DA BAHIA, **Planta de Aracaju em 1860**. Disponível em: <http://medicosilustresdabahia.blogspot.com.br/search?q=aracaju>. Acesso em: 30 mar. 2016.

Figura 17 – Aracaju em 1865



Fonte: Adaptado de Porto, 1945.

Ainda de acordo com a autora, no período de sua concepção, foram exterminadas dunas, morros e matas e executados aterros de rios, canais e manguezais para a construção das primeiras edificações. A Igreja de São Salvador é uma delas, concebida no ano de 1857; posteriormente a Delegacia Fiscal, o Palácio Imperial²⁸ e o atracadouro²⁹.

A cidade de Aracaju no século XIX era desprovida de “ruas calçadas, saneamento, serviços de abastecimento, distribuição de água potável e iluminação eficiente, [...] sobravam-lhe penúria, intrigas políticas, doenças e epidemias.” (SANTOS, 2008, p. 10).

Segundo Porto (1991), entre 1855 e 1889, a Província foi administrada por 30 presidentes e interinamente por 31 vice-presidentes, tendo como consequência a dificuldade de se ter uma continuidade na administração; somente a partir da República houve benfeitorias. De acordo com Ribeiro (1989), Leite (1989) e Araújo (2006), as primeiras mudanças começaram pela pavimentação de algumas ruas em 1900.

Fase 2: 1905 a 1930

Para Porto (1991) a cidade de Aracaju foi planejada, sobretudo, para ser a sede do Governo Estadual, passando, desde a mudança da capital, por grandes obras, como a construção de novas praças e reforma das principais, situadas no ponto de origem da capital. Com a Primeira Guerra Mundial, houve um aumento do preço do açúcar e do

²⁸ Primeiro palácio do governo da província de Sergipe d'El Rey.

²⁹ Inicialmente chamado de Ponte do Desembarque e depois de Ponte do Imperador.

algodão, o que beneficiou a cidade e, com isso, o Estado começou a operar de maneira mais intensa e assídua nas intervenções ocorridas na cidade, em especial no quesito infraestrutura. (ARAÚJO, 2006).

O segundo período inicia nos primeiros anos da república. É um período obscuro na vida física da cidade. A província abandonou a cidade e a Câmara Municipal era economicamente impotente para tomar-lhe o lugar. [...] Nos últimos anos deste período vão aparecer os primeiros estabelecimentos industriais. O governo da cidade retoma seu interesse pela cidade e aí executa obras de saneamento e embelezamento. A cidade é dotada de serviços de água, esgotos, luz e bondes. Novas ruas se abrem, outras são melhoradas. As comunicações com o interior são beneficiadas primeiro pela estrada de ferro e depois pelas estradas de rodagem. [...] Inicia-se neste período, sem qualquer imposição do poder público, o zoneamento espontâneo da cidade, ficando caracterizados os bairros do comércio, de residências abastadas, de habitações operárias e das indústrias. (PORTO, 1991, p. 11).

Nesse período pode-se observar mudanças significativas da estrutura da cidade: encanamento de água em 1908, a chegada dos bondes puxados à tração animal em 1910, a instalação de energia elétrica em 1913, também foi dado início ao saneamento em 1914 e à construção de ferrovias no mesmo ano. A rede telefônica chega em 1919 e os bondes de tração animal são trocados por bondes elétricos em 1926. Nessa época ocorre um grande movimento construtivo englobando a edificação de escolas e edifícios públicos (RIBEIRO, 1984; LEITE, 1989; ARAÚJO, 2006).

Fase 3: 1930 a 1965

O processo de periferização começa a acontecer no início da década de 30 e o bairro centro vai se tornando uma área mais voltada ao comércio e à prestação de serviços, o que resulta da transferência das moradias para outras regiões da cidade. O centro passa a contar com rede de bondes que interligavam o bairro a outras localidades do município, no fim da década de 40 (CHAVES, 2004).

Em meados dos anos 40 é construído o Edifício Mayara, que aparece como o primeiro prédio comercial de Aracaju com elevador; instaurado também o mercado Antônio Franco. Nos anos 50 a estação ferroviária é transferida para o bairro Siqueira Campos, zona oeste da cidade; já em 60 é inaugurado o Hotel Palace, localizado na Praça General Valadão, um dos mais modernos e luxuosos hotéis do Nordeste à época. De 1961 a 1963 é o período de concepção do Terminal Rodoviário Luís Garcia, conhecido popularmente como

Rodoviária Velha, implantado na área do morro do Bomfim, e para que fosse viável esta construção, foi feito o desmanche do areal (CHAVES, 2004).

Fase 4: 1965 a 1990

Com o início da exploração de petróleo e instalação da Petrobras em Aracaju, ocorreu um grande processo de modernização na capital sergipana. O bairro centro passou a ser pavimentado e com serviço de esgoto. São construídos importantes edifícios na década de 70, como o do Instituto Nacional de Seguro Social (INSS) e o do Estado de Sergipe³⁰. Em meados dos anos 70, a Rodoviária Velha passa a atender somente à região metropolitana e as demais linhas são transferidas ao recém-construído Terminal Rodoviário Governador José Rollemberg Leite, conhecido como Rodoviária Nova, localizada no bairro Capucho, zona oeste da cidade. No início dos anos 80, o segundo calçadão de pedestres “implantado no país” foi instalado na Rua João Pessoa (CHAVES, 2004).

Este período é [...] caracterizado pela entrega à Municipalidade da execução de todos os serviços de interesse local [...]. O seu início foi marcado pelo desenvolvimento [...] quase sem receber estímulos do poder público ou mesmo sem recebê-los, [...]. Tem sido um movimento de massas operárias e sua existência demonstra o crescimento das indústrias aracajuanas (PORTO, 1991, p. 11).

Fase 5: 1990 aos dias atuais

No início dos anos 90 Aracaju começou a passar pelo processo de empobrecimento da população de uso da área central, surgindo a necessidade de grandes avenidas para comportar a demanda de automóveis. Mesmo com a criação do Centro Administrativo Governador Augusto Franco em 1982, no bairro Capucho, várias instituições e órgãos ainda estavam situados no bairro Centro. A inauguração de dois *shoppings centers* localizados na zona sul, valorizou e atraiu a população para o adensamento desta região, destinada à classe média. A ocupação do Centro se consolidou para o comércio popular voltado às classes mais pobres. Recentemente, houve estratégias de revitalização do centro histórico, com intervenções na região dos mercados e incentivo de uso para grandes eventos (CHAVES, 2004).

³⁰ O edifício Estado de Sergipe é popularmente conhecido como “Maria Feliciano”, possui 28 pavimentos e era a maior edificação no Nordeste até então.

De acordo com o censo do IBGE (2015), a cidade de Aracaju tem 632.744 habitantes. A capital vem sendo marcada por problemas como crescimento desordenado, que acaba ocasionando o desmatamento de áreas naturais, aparecimento de favelas, problemas de saneamento básico, educação, segurança, saúde e desemprego. Hoje é possível perceber que o centro da cidade apresenta uma predominância do uso comercial, que impulsiona a circulação de transeuntes, além do forte tráfego de veículos. Por estas razões o bairro Centro foi escolhido como área de estudo para o presente trabalho, por ser uma das áreas que deram início à cidade. (CHAVES, 2004).

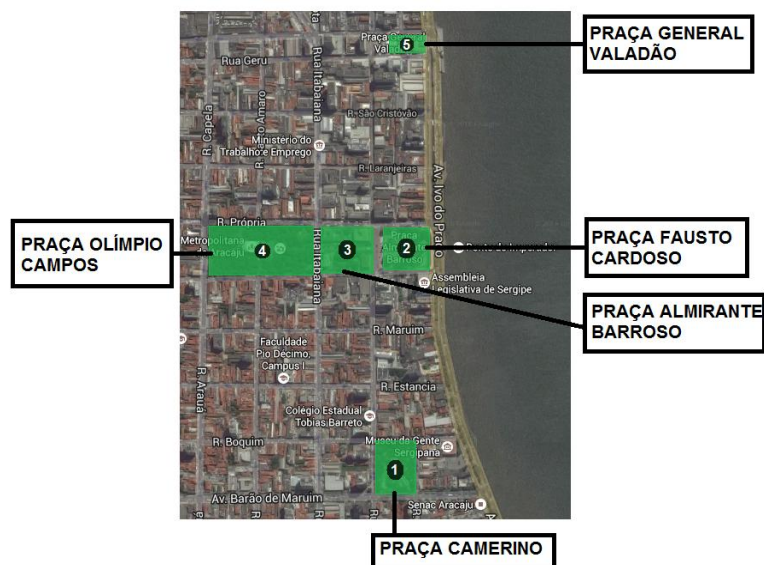
No que tange às áreas verdes, o referido bairro possui um total de nove praças, sendo que as praças com relevância para este trabalho estão na área em destaque (Figura 20). De acordo com a Emurb, em 2010 as praças centrais ocupam 9,2% da região central, se enquadrando em uma das maiores porcentagens da cidade. O IDA, que é empregado para averiguar a intensidade de ocupação das árvores em áreas verdes, permite aferir a quantidade de área utilizada (SIMÕES et al., 2001). No bairro, o IDA é de 0,62, segundo a Emsurb, sendo este índice considerado satisfatório. Também de acordo com a Emsurb, o ISA, ou seja, a porcentagem de área sombreada em relação à área verde total, é de 62% no bairro Centro; este percentual também se enquadra como satisfatório, sendo um dos maiores da cidade, de acordo com o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Aracaju (PDDU) do ano 2000. Em seguida são identificadas cada uma das praças alvo deste trabalho (Figura 21), indicadas em mapa atualizado, para o reconhecimento espacial e melhor entendimento das análises realizadas posteriormente.

Figura 18 – Praças existentes na região central de Aracaju (praças analisadas em destaque)



Fonte: Adaptado de CRUZ, 2014.³¹

Figura 19 – Localização das praças analisadas



Fonte: Adaptado de Google Earth, 2016.

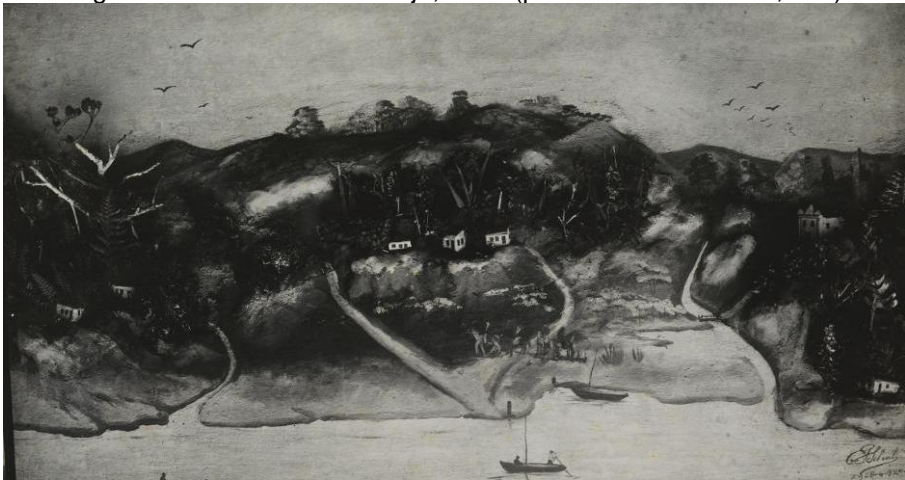
³¹ CRUZ, Rafael da; LIMA, Luana Pereira; SILVA, Anna Allice Souza; CAMPOS, Antônio Carlos. **Especialização, análise e proposta de intervenção das áreas verdes no centro de Aracaju.** GEONORDESTE [Anais] p. 18-21, Aracaju, 2014.

6 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Apresenta-se neste capítulo, conforme descrito no capítulo de materiais e métodos, os quadros com contêm as informações obtidas através de pesquisa na literatura sergipana, abarcando os dados no período analisado: nomes das praças, traçado e geometria da praça, vegetação existente, uso, edificações e mobiliário existentes; bem como uma foto representativa do período, em que se possa observar alguns elementos pertencentes aos dados.

Posteriormente aos quadros é feita uma análise sobre as informações observadas e comparadas dentro de um mesmo período, caracterizando semelhanças e diferenças entre os itens analisados.

Quadro 3 – Informações das praças na região central de Aracaju (1855)

1855	Praça Camerino	Praça Fausto Cardoso	Praça Almirante Barroso	Praça Olímpio Campos	Praça General Valadão
	Inexistente	Inexistente	Inexistente	Inexistente	Inexistente
Nome	Figura 20 – Cidade de Aracaju, 1855 (pintura de E. J. Schal, s.d.)				
Traçado/ Geometria					
Vegetação					
Uso					
Edificações					
Mobiliário					


No dia 17 de março de 1855, com a Resolução nº 413, a cidade de Aracaju passou a ser a capital da capitania de Sergipe Del Rey (PORTO, 1945). O ponto de partida para o crescimento da cidade, de acordo com o plano urbanístico de Aracaju desenvolvido por Pirro, começou a ser demarcado no ponto onde hoje se localiza a Praça Fausto Cardoso, coincidindo com o centro do poder político-administrativo da cidade. A Praça Fausto Cardoso ficou sendo então o núcleo do centro histórico da cidade, de acordo com Porto (1991) e Loureiro (1983).

Fonte: BRASILIANA FOTOGRAFICA, 2016.³²

Fonte: Próprio autor, 2016.

³² BRASILIANA FOTOGRAFICA. **Cidade de Aracaju, 1855 (pintura de E. J. Schal, s.d.).** Disponível em: <http://brasilianafotografica.bn.br/brasiliana/handle/bras/735>. Acesso em: 29 mar. 2016.

Quadro 4 – Informações das praças na região central de Aracaju (1885)

1885	Praça Camerino	Praça Fausto Cardoso	Praça Almirante Barroso ³³	Praça Olímpio Campos	Praça General Valadão
	Inexistente	<p>Figura 21 – Praça Fausto Cardoso e Almirante Barroso / linha divisória que delimita cada uma</p>  <p>Fonte: Acervo Murillo Mellins.</p>		<p>Figura 22 – Igreja Nossa Senhora da Conceição com vista da praça ainda descampada</p>  <p>Fonte: BARBOZA, 1992.</p>	<p>Figura 23 – Edifício da 1ª Alfândega com vista da praça com fonte</p>  <p>Fonte: Acervo Ana Romélia.</p>
Nome	Inexistente	Praça de Palácio ³⁴	Praça do Palácio ³⁵	Praça da Conceição ³⁶ e Praça Rio Real	Praça da 24 de Outubro ³⁷
Traçado/ Geometria	Inexistente	Eixo central demarcado pelas palmeiras-imperiais ³⁸ / Retangular	Eixo central demarcado pelas palmeiras-imperiais/ Retangular	Eixo central demarcado pelas palmeiras-imperiais/ Retangular	Eixo central demarcado pelo canteiros/ Retangular
Vegetação	Inexistente	Predominantemente descampado e palmeiras-imperiais	Predominantemente descampado e palmeiras-imperiais	Predominantemente descampado e palmeiras-imperiais	Predomínio de gramíneas com bordaduras
Uso	Inexistente	Discursos políticos, manifestações, passagem	Discursos políticos, manifestações, passagem	Missas, procissões, passagem	Passagem, comércio informal
Edificações	Inexistente	Inexistente ³⁹	Atheneu Sergipense ⁴⁰ , Palácio de Justiça ⁴¹ , Tribunal de Contas ⁴² , Palácio Provincial ⁴³	Igreja Nossa Senhora da Conceição ⁴⁴	1ª Alfândega ⁴⁵ e Mesa de Rendas Provençais ⁴⁶
Mobiliário	Inexistente	Inexistente	Inexistente	Cruzeiro ⁴⁷	Fonte d'água

Fonte: Próprio autor, 2016.

³³ Nessa época a Praça Almirante Barroso fazia parte da Praça Fausto Cardoso.

³⁴ Nesse período, estava situado o primeiro Palácio do Governo Provincial, onde atualmente se encontra a Delegacia Fiscal do Ministério da Fazenda, dando origem à expressão "Praça de Palácio". Teve como denominação anterior Praça Benjamin Constant.

³⁵ Local de recepção do Imperador D. Pedro II, sua mulher e comitiva, em 1860, ficou hospedado em um edifício em frente à praça.

³⁶ Anteriormente era conhecida como Praça da Matriz, quando iniciou a construção da igreja em 1862. Quando foi concluída, em 1875, a praça mudou de denominação para Praça da Conceição, na frente da igreja, e Praça Rio Real, além da igreja.

³⁷ Foi nomeada pela Câmara Municipal, em sessão de 8 de janeiro de 1873, sendo a primeira data a nomear um logradouro aracajuano – este nome não teve aceitação popular e continuou sendo conhecida como Praça da Cadeia, como era denominada com a construção da Cadeia Pública, onde hoje se localiza o Hotel Pálace, em estilo neogótico. Anteriormente a essa denominação, era chamada de Praça da Caatinga.

³⁸ A Alameda das palmeiras-imperiais foi elaborada para criar uma ligação entre as praças, seguindo da Praça Fausto Cardoso até a entrada da Igreja Nossa Senhora da Conceição. A criação desta Alameda foi a primeira intervenção urbanística ocorrida nestes espaços e é declarada de interesse social pelo Decreto Nº 4.450/79.

³⁹ Embora até a atualidade o Palácio Olímpio Campos e o Palácio Fausto Cardoso tenham como endereço a praça Fausto Cardoso, conquanto estejam situados na Praça Almirante Barroso.

⁴⁰ Atual Palácio Graccho Cardoso, onde funciona a Câmara dos Vereadores. Edificação tombada pelo Governo do Estado pelo Decreto 12.039/91. Nessa época o edifício já havia passado pelo uso como Tesouro do Estado.

⁴¹ Atual Procuradoria Geral do Estado. Edificação tombada pelo Governo do Estado pelo Decreto 9.991/88.

⁴² Atual Palácio Fausto Cardoso. Edificação tombada pelo Governo do Estado pelo Decreto 8.313/87. Nessa época o edifício já havia passado pelo uso como Assembleia Provincial.

⁴³ Atual Palácio Olímpio Campos. Edificação tombada pelo Governo do Estado pelo Decreto 16.818/85.





⁴⁴ Fazendo referência à Igreja Nossa Senhora da Conceição construída no local, uma das primeiras edificações construídas e que servia como marco.

⁴⁵ Em abril de 1855 começou a construção do edifício, com aspecto de trapiche onde se abriam portas e janelas.

⁴⁶ Repartição estadual das finanças, onde se paga impostos, direitos e outros emolumentos.

⁴⁷ Localizado em frente à Igreja.

Quadro 5 – Informações das praças na região central de Aracaju (1915)

1915	Praça Camerino	Praça Fausto Cardoso	Praça Almirante Barroso	Praça Olímpio Campos	Praça General Valadão
	Inexistente	<p>Figura 24 – Alameda da Palmeiras e estátua de Fausto Cardoso</p>  <p>Fonte: Acervo Rosa Faria.</p>	<p>Figura 25 – Coreto metálico instalado no Jardim Olympio Campos</p>  <p>Fonte: Memorial de Sergipe.</p>	<p>Figura 26 – Praça descampada com vista da Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição e palmeiras-imperiais</p>  <p>Fonte: BARBOZA, 1992.</p>	<p>Figura 27 – Cadeia e cata-vento inserido na praça</p>  <p>Fonte: ARACAJU ANTIGGA, 2016.⁴⁸</p>
	Nome	Praça Fausto Cardoso ⁴⁹	Praça do Palácio onde estava inserido o Jardim Olympio Campos	Praça Benjamin Constant ⁵⁰	Praça da Cadeia
	Traçado/ Geometria	Traçado em cruz, eixo central demarcado por palmeiras-imperiais, ponto focal ao centro/ Retangular	Simetria, eixos, forrações usadas como bordaduras dos canteiros e caminhos, gramíneas com poda em topiaria, arbustos localizados nos canteiros/ Retangular	Eixo central demarcado pelas palmeiras-imperiais/ Retangular	Descampado e árvores de médio porte com ponto focal ao centro/ Retangular
	Vegetação	Descampado, gramíneas no eixo central com poda geométrica	Predominância de gramíneas com poda geométrica e topiaria	Predominantemente descampado e palmeiras-imperiais	Descampado, poucas árvores de porte médio
	Uso	Retretas ⁵¹ , manifestações, quermesses, missas, discursos políticos, passagem	Passeio, contemplação, passagem, assassinato de Fausto Cardoso e Olympio Campos ⁵²	Missas, procissões, retretas, permanência, passagem	Partidas de futebol ⁵³ , passagem
	Edificações	Inexistente	Biblioteca Pública do Estado, Vice Governadoria, 1ª Sede da Assembleia Legislativa, Palácio do Governo	Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição	Alfândega
	Mobiliário	Inexistente	Coreto (construção metálica ou em ferro)	Cruzeiro, coreto (construção metálica ou em ferro)	Cata-vento e fonte d'água ⁵⁵

Fonte: Próprio autor, 2016.

⁴⁸ ARACAJU ANTIGGA. Sem título. Disponível em: <http://aracajuantigga.blogspot.com.br/2010/07/praca-da-cadeia.html>. Acesso: 30 mar. 2016.

⁴⁹ Com a Lei n. 111, de 26 de fevereiro de 1910, a praça muda de nome em homenagem Fausto de Aguiar Cardoso, advogado, sociólogo, filósofo, poeta e político, Deputado Federal, fundador do Partido Progressista, publicou vários livros. Fausto Cardoso foi assassinado na praça em 28 de agosto de 1906, seis anos após a praça recebe seu nome. Anteriormente a esta denominação, também se chamou Praça da República e Praça Tiradentes.

⁵⁰ Tal denominação foi recebida em 1910, tendo tido como denominações anteriores Praça Mendes de Moraes (frente da igreja) e Praça Tobias Barreto (fundo da igreja) de 1897 até 1910.

⁵¹ Concerto popular de uma banda em praça pública.




⁵² Episódio ocorrido em 1906, conhecido como "A tragédia de Sergipe", Fausto Cardoso ficou como mártir e deu nome à praça seis anos depois; já para Olympio Campos foi dado o nome da praça ao lado.

⁵³ Em 1907 se teve o primeiro registro de uma partida de futebol ocorrida na praça. Eram realizadas, principalmente, pelos integrantes do Quartel Militar, localizado em frente à praça.

⁵⁴ Em 9 de setembro de 1912 é inaugurada a estátua de Fausto Cardoso, a primeira escultura de um homem público a ser colocada em praça pública na cidade.

⁵⁵ Localizada em frente ao quartel.

Quadro 6 – Informações das praças na região central de Aracaju (1945)

	Praça Camerino	Praça Fausto Cardoso	Praça Almirante Barroso	Praça Olímpio Campos	Praça General Valadão
1945	Figura 28 – Praça recém-urbanizada com fonte d'água  Fonte: Acervo Murillo Melins.	Figura 29 – Vegetação arbórea com poda topiaria  Fonte: Acervo Alexandre Diniz.	Figura 30 – Alameda das palmeiras-imperiais  Fonte: SERGIPE EM FOTOS, 2016. ⁵⁶	Figura 31 – Aquário Municipal  Fonte: Acervo Ana Medina.	Figura 32 – Quartel do Exército e fonte d'água  Fonte: Acervo Ana Libório.
Nome	Praça do Congresso	Praça do Palácio	Praça Guilherme Campos ⁵⁷	Parque Theophilo Dantas ⁵⁸	Praça General Valadão ⁵⁹
Traçado/ Geometria	Traçado orgânico e sinuoso, passeios e caminhos que percorrem toda praça/ Quadrangular	Traçado orgânico e sinuoso, passeios e caminhos que percorrem toda praça, passeios periféricos, ponto focal central/ Retangular	Passeio perimetral, parterres, simetria, eixo central, geometrização e simetria na vegetação/ Quadrangular	Traçado orgânico e sinuoso, passeios e caminhos que percorrem toda praça, passeios periféricos, ponto focal central, parterres, simetria, eixo central, geometrização e simetria na vegetação, estares e recantos contemplativos, criação de cenário naturalista/ Retangular	Traçado orgânico e sinuoso, passeios e caminhos que percorrem toda praça, passeios periféricos/ Retangular
Vegetação	Predominância de gramíneas, canteiros floridos, árvores de porte médio com poda topiaria, uso de espécies exóticas	Predominância de gramíneas, canteiros, árvores de porte pequeno com poda topiaria, palmeiras imperiais e <i>ficus-benjamina</i> , uso de espécies exóticas	Predomínio de gramíneas, árvores de médio porte e palmeiras-imperiais, uso de espécies exóticas	Vegetação exuberante, predomínio de gramíneas, árvores de grande porte, uso de espécies exóticas e palmeiras-imperiais	Predominância de gramíneas, árvores de pequeno e médio porte, uso de espécies exóticas
Uso	Passeio, contemplação, 1ª edição do Congresso Eucarístico Internacional ⁶⁰ , passagem, permanência/estar	Praça de Automóveis ⁶¹ , Procissão de Bom Jesus dos Navegantes ⁶² , carnaval, desfile Militares de 7 de setembro, passeio, paquera, passagem, retretas, festas, missas	Passagem, permanência, passeio, contemplação, passagem	Missas, retretas, parque de diversões ⁶³ , procissões, passagem, feirinha de Natal ⁶⁴ , festa de Natal e Ano novo, carnaval, festa junina	Boêmio e ponto de prostituição ⁶⁵ , passagem, ponto de fotógrafos ambulantes
Edificações	Inexistente	Inexistente	Biblioteca Pública do Estado, Vice Governadoria, 1ª Sede da Assembleia Legislativa, Palácio Olímpio Campos ⁶⁶	Catedral Metropolitana, galeria de Arte Álvaro Santos, Cacique Chá	Alfândega
Mobiliário	Bancos, fonte artificial com estátua de índio com serpente	Estátua Fausto Cardoso, fonte d'água, bancos, monumentos, 2 coretos em alvenaria ⁶⁷ , relógio ⁶⁸ , bomba de gasolina ⁶⁹	Não encontrado	Parque Teófilo Dantas ⁷⁰ , gruta, estátua, Padre Olímpio Campos ⁷¹ , cascatinha, ponte balaustrada, Banho das Ninfas (2 estátuas metálicas de deusas gregas), riacho artificial, aquário ⁷² , Recanto selvagem (com a taba ⁷³ , 2 esculturas indígenas ⁷⁴), parque infantil e equipamentos esportivos	Busto General Valadão, coreto, bancos de madeira, fonte, monumento 24 de outubro

Fonte: Próprio autor, 2016.

⁵⁶ SERGIPE EM FOTOS. Sem título. Disponível em: <http://sergipeemfotos.blogspot.com.br/2013/11/jardim-olimpio-campos-hoje-praca.html>. Acesso em: 30 mar. 2016.

⁵⁷ Em homenagem a Guilherme Campos, o irmão de Olímpio Campos, que foi presidente de Sergipe e também senador.

⁵⁸ Inaugurado em 1928, na administração do Intendente da Capital, Coronel Theophilo Dantas.

⁵⁹ Recebeu este nome através do ato nº 25 de 8 de junho de 1931, em homenagem ao militar e político General Valadão, presente na Guerra do Paraguai e Proclamação da República. Passou pela denominação de Praça Ciro de Azevedo em 22 de janeiro de 1927, de acordo com a Lei Municipal 350, em homenagem ao presidente do Estado recém-falecido.

⁶⁰ Grande evento religioso abrindo milhares de fiéis de todo o Brasil e sacerdotes de todo o mundo.

⁶¹ Ficou conhecida com este nome, pois nela ficavam vários carros de aluguel para passeio.

⁶² Usada como ponto de chegada e saída da procissão.

⁶³ Montado na época do Natal, juntamente com o tradicional Carrossel de Tobias e uma ferinha.

⁶⁴ Que anteriormente acontecia na Praça Camerino, mudando de local após a inauguração do Parque.

⁶⁵ Financiado, principalmente, pelos viajantes e marinheiros que aportavam nas proximidades da praça.

⁶⁶ Passou por uma modernização estilística deixando de ter o estilo neoclássico, caracterizando-lhe o estilo eclético. Tal reforma foi feita pela missão italiana de arquitetos e escultores, por ocasião do Centenário da Independência.

⁶⁷ Os coretos de madeira foram trocados por coretos metálicos e em seguida pelos de alvenaria.

⁶⁸ O relógio de quatro faces é inserido na praça como forma de demonstrar a modernização dos equipamentos públicos,

⁶⁹ Primeira bomba de gasolina da capital, localizada próximo ao Arquivo Público Estadual.





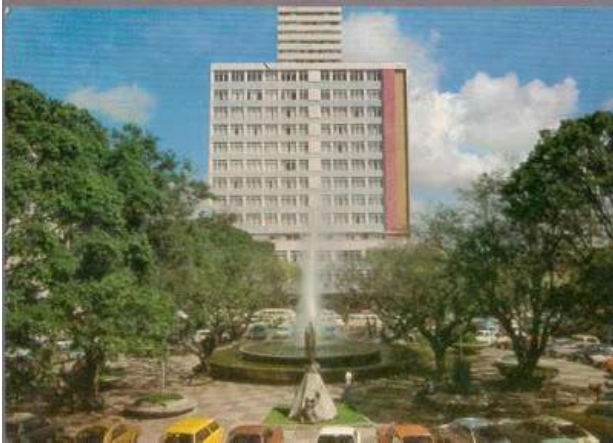
⁷⁰ Inserido na praça, sendo inaugurado em 1928.

⁷¹ Erguida no local onde havia o coreto e as tradicionais retretas, inaugurado em 1916.

⁷² Feito em vidro e continha muitas espécies de peixes raros coletados em águas sergipanas, sendo o ponto de atração mais visitado da praça, era cor de rosa. Ficava no local onde hoje se localiza a Galeria de Arte Álvaro Santos.

⁷³ Habitação comum dos indígenas na América do Sul.

⁷⁴ Destacando-se personagens indígenas importantes na história da cidade.

Quadro 7 – Informações das praças na região central de Aracaju (1975)					
1975	Praça Camerino ⁷⁵	Praça Fausto Cardoso	Praça Almirante Barroso	Praça Olímpio Campos	Praça General Valadão
	Figura 33 – Vista da forração que delimita os caminhos e banco	Figura 34 – Gramíneas com poda topiaria e coreto em alvenaria	Figura 35 – Vegetação arbórea	Figura 36 – Vista da ponte ao fundo	Figura 37 – Vista da fonte e floreiras
					
	Fonte: SERGIPE EM FOTOS, 2016. ⁷⁶	Fonte: ARACAJU ANTIGGA, 2016. ⁷⁷	Fonte: Acervo Alexandre Diniz.	Fonte: FOTOS ANTIGAS DE ARACAJU, 2016. ⁷⁸	Fonte: FOTOS ANTIGAS DE ARACAJU, 2016. ⁷⁹
	Nome	Praça Sílvio Romero	Praça de Palácio	Jardim Olympio Campos	Praça Olímpio Campos ⁸⁰ e Parque Teófilo Dantas
	Traçado/ Geometria	Traçado orgânico e sinuoso, passeios e caminhos que percorrem toda praça/ Quadrangular	Traçado orgânico e sinuoso, passeios e caminhos que percorrem toda a praça, passeios periféricos, ponto focal central/ Retangular	Traçado orgânico e sinuoso, passeios e caminhos que percorrem toda praça, passeios periféricos, ponto focal central/ Quadrangular	Traçado orgânico e sinuoso, passeios e caminhos que percorrem toda praça, passeios periféricos, ponto focal central, parterres, simetria, eixo central, geometrização e simetria na vegetação, estares e recantos contemplativos, criação de cenário naturalista/ Retangular
	Vegetação	Predominância de gramíneas, canteiros floridos, árvores de porte médio, uso de espécies exóticas, poucas nativas e poucas árvores de médio porte	Predomínio de gramíneas com poda topiaria, canteiros, árvores de médio porte, uso de espécies exóticas, poucas nativas e palmeiras-imperiais	Predomínio de gramíneas com poda topiaria, árvores de médio porte, uso de espécies exóticas, poucas nativas e palmeiras-imperiais	Vegetação exuberante, predomínio de gramíneas, árvores de grande porte, uso de espécies exóticas e palmeiras-imperiais
	Uso	Permanência, contemplação passagem, manifestações, passagem	Manifestações, quermesses, desfile militar, passagem, procissões, comícios políticos	Quermesses, contemplação, desfile militar, passagem	Missas, feiras, procissões, passagem, festa de Natal e Ano novo, carnaval, festa junina
	Edificações	Inexistente	Inexistente	Câmara Municipal, Procuradoria Geral do Estado, Palácio Fausto Cardoso, Palácio Olímpio Campos	Catedral Metropolitana, galeria de Arte Álvaro Santos, Cacique Chá ⁸²
	Mobiliário	Bancos, postes, estátua de Sílvio Romero ⁸³	Estátua Fausto Cardoso, bancos, monumentos, 2 coretos em alvenaria, fonte	Bancos e busto Almirante Barroso	Parque Teófilo Dantas, gruta, estátua Padre Olímpio Campos, ponte balaustrada, Banho das Ninfas (2 estátuas metálicas de deusas gregas) riacho artificial, aquário, Recanto selvagem (com a taba e 2 esculturas indígenas), parque infantil, equipamentos esportivos e mini zoológico ⁸⁴
					Busto General Oliveira Valadão, bancos

Fonte: Próprio autor, 2016.

⁷⁵ Lei de criação 39/1951.

⁷⁶ SERGIPE EM FOTOS. Sem título. Disponível em: <http://sergipeemfotos.blogspot.com.br/2014/03/antiga-foto-da-praca-camerino-em-aracaju.html>. Acesso em: 1 abr. 2016.

⁷⁷ ARACAJU ANTIGGA. Sem título. Disponível em: <http://aracajuantigga.blogspot.com.br/2010/07/praca-da-cadeia.html>. Acesso: 1 abr. 2016

⁷⁸ FOTOS ANTIGAS DE ARACAJU. Sem título. Disponível em: <http://fotosantigasdearacaju.blogspot.com.br/2009/10/aracaju-antiga.html>. Acesso em: 2 abr. 2016.

⁷⁹ FOTOS ANTIGAS DE ARACAJU. Sem título. Disponível em: <http://fotosantigasdearacaju.blogspot.com.br/2009/10/aracaju-antiga.html>. Acesso em: 2 abr. 2016.

⁸⁰ Em homenagem a Olímpio de Souza Campos, sacerdote e político, foi vigário da Catedral, Deputado Provincial, Deputado Geral no Império, Intendente da Aracaju, Deputado Estadual e Presidente da Assembleia Constituinte, Presidente do Estado e Senador. Foi assassinado publicamente pelos filhos de Fausto Cardoso que o culpavam de sua morte.






⁸¹ Em homenagem a Manoel Presciliano de Oliveira Valadão, militar e político, foi secretário de Floriano Peixoto e Chefe de Polícia do Distrito Federal, Deputado Federal por quatro mandatos, Senador por três mandatos, Governador de Sergipe por dois mandatos, morreu no início do seu último mandato como Senador.

⁸² Bar, restaurante e boate, inaugurado em 1950, primeira boate familiar de Aracaju.

⁸³ Inaugurada em 21 de abril de 1951, durante os festejos do Centenário de nascimento de Sílvio Romero (crítico e historiador). Esta estátua está voltada de costas para o nascente, diferentemente de todas as outras estátuas das praças do bairro.

⁸⁴ Com leões, macacos, preguiças, onças e muitas aves.

Quadro 8 – Informações das praças na região central de Aracaju (2005)

	Praça Camerino	Praça Fausto Cardoso	Praça Almirante Barroso	Praça Olímpio Campos	Praça General Valadão
2005	<p>Figura 38 – Vista do passeio e estátua de Sílvio Romero</p>  <p>Fonte: INSTITUTO MARCELO DEDA, 2016.⁸⁵</p>	<p>Figura 39 – Vista aérea com vegetação arbórea</p>  <p>Fonte: Acervo Alexandre Diniz.</p>	<p>Figura 40 – Passeio com canteiros e palmeiras-imperiais</p>  <p>Fonte: Acervo Dora Diniz</p>	<p>Figura 41 – Vista do vagão-escola</p>  <p>INSTITUTO MARCELO DEDA, 2016.⁸⁶</p>	<p>Figura 42 – Vista dos passeios e floreiras</p>  <p>Fonte: Acervo Ana Libório.</p>
Nome	Praça Camerino ⁸⁷	Praça Fausto Cardoso ⁸⁸	Praça Almirante Barroso ⁸⁹	Praça Olímpio Campos e Parque Teófilo Dantas	Praça General Valadão
Traçado/ Geometria	Traçado retilíneo/ Quadrangular	Traçado orgânico e sinuoso, passeios e caminhos que percorrem toda praça, passeios periféricos, ponto focal central/ Retangular	Traçado retilíneo, canteiros geométricos que demarcam os caminhos, passeios periféricos, ponto focal central/ Quadrangular	Traçado orgânico e sinuoso, passeios e caminhos que percorrem toda a praça, passeios periféricos, ponto focal central, parterres, simetria, eixo central, geometrização e simetria na vegetação, estares e recantos contemplativos, criação de cenário naturalista/ Retangular	Liberdade na composição formal, grande área de pisos processados, elemento central de projeto/ Retangular
Vegetação	Canteiros com gramíneas, uso de espécies exóticas na maioria, pouco uso de espécies nativas	Predomínio de gramíneas, canteiros, árvores de médio porte, uso de espécies exóticas, poucas nativas e palmeiras-imperiais	Predomínio de gramíneas com poda topiaria, árvores de médio porte, palmeiras imperiais uso de espécies exóticas e poucas nativas	Vegetação exuberante, predomínio de gramíneas, árvores de grande porte, palmeiras-imperiais, uso de espécies exóticas na maioria, pouco uso de espécies nativas	Poucos exemplares arbóreos uso de espécies exóticas na maioria, pouco uso de espécies nativas
Uso	Permanência, contemplação passagem, manifestações, passagem	Manifestações, quermesses, desfile militar, passagem, procissões, comícios políticos, 1ª edição do Forró Caju, passagem	Passagem	Missas, feira de artesanato permanente, passagem, procissões, passagem, comércio	Passagem
Edificações	Inexistente	Inexistente	Câmara Municipal, Procuradoria Geral do Estado, Palácio Fausto Cardoso, Palácio Olímpio Campos, sorveteria, trailer	Catedral Metropolitana, galeria de Arte Álvaro Santos, Cacique Chá e Vagão-Biblioteca Infantil	Alfândega
Mobiliário	Bancos, postes, estátua de Sílvio Romero, mesas, lixeiras	Estátua Fausto Cardoso ⁹⁰ , bancos, monumentos, mesas, lixeiras, 2 coretos em alvenaria	Busto Almirante Barroso, bancos, chafariz, coreto, mesas, lixexas	Parque Teófilo Dantas, estátua Padre Olímpio Campos, Banho das Ninfas (2 estátuas metálicas de deusas gregas) riacho artificial, ponte balaustrada mesas, lixeiras	Fonte, 4 floreiras, busto General Oliveira Valadão, bancos, mesas, lixeiras

Fonte: Próprio autor, 2016.

⁸⁵ INSTITUTO MARCELO DEDA. Sem título. Disponível em: <http://www.institutomarcelodeda.com.br/wp-content/uploads/2002/02/foto2454.jpg>. Acesso em: 2 abr. 2016.

⁸⁶ INSTITUTO MARCELO DEDA. Sem título. Disponível em: <http://www.institutomarcelodeda.com.br/vagao-da-praca-olimpio-campos-oferece-informacoes-sobre-questoes-ambientais/>. Acesso em: 2 abr. 2016.






⁸⁷ Em homenagem a Francisco Camerino, conhecido como "herói paisano", voluntário paisano morrendo, com 16 anos, na batalha de Caruzu durante a guerra do Paraguai em 1966.

⁸⁸ Em homenagem a Fausto de Aguiar Cardoso, advogado, filósofo, promotor, deputado, assassinado nesta praça aos 42 anos.

⁸⁹ Em homenagem a Francisco Manoel Barroso da Silva, Barão do Amazonas, figura destacada da Marinha Brasileira, participando de grandes campanhas militares.

⁹⁰ Em estilo art nouveau.

Quadro 9 – Informações das praças na região central de Aracaju (2015)

2015	Praça Camerino	Praça Fausto Cardoso	Praça Almirante Barroso	Praça Olímpio Campos	Praça General Valadão
	Figura 43 – Maquete eletrônica da última reforma	Figura 44 – Alameda das palmeiras-imperiais e estátua de Fausto Cardoso	Figura 45 – Passeio e alameda das palmeiras-imperiais	Figura 46 – Passeios, vegetação e Catedral Metropolitana	Figura 47 – Centro Cultural de Aracaju e vegetação
	 Fonte: ARACAJU, 2016. ⁹¹	 Fonte: APONTADOR, 2016. ⁹²	 Fonte: BEM-VINDO A SERGIPE, 2016. ⁹³	 Fonte: INFONET, 2016. ⁹⁴	 Fonte: PORTAL BRASILEIRO, 2016. ⁹⁵
Nome	Praça Camerino ⁹⁶	Praça Fausto Cardoso	Praça Almirante Barroso	Praça Olímpio Campos e Parque Teófilo Dantas	Praça General Valadão
Traçado/ Geometria	Traçado em variação de cruz e perimetral, retilíneo, liberdade na composição formal estar com elemento central/ Quadrangular	Traçado misto retilíneo e orgânico, liberdade na composição formal, estares e recantos com elemento central/ Retangular	Traçado retilíneo, canteiros geométricos que demarcam os caminhos, passeios periféricos, ponto focal central/ Quadrangular	Retangular	Traçado retilíneo, liberdade na composição formal estar com elemento central/ Retangular
Vegetação	Canteiros com gramíneas, uso de espécies exóticas na maioria, pouco uso de espécies nativas	Canteiros com gramíneas, uso de espécies exóticas na maioria, pouco uso de espécies nativas	Canteiros com gramíneas, uso de espécies exóticas na maioria, pouco uso de espécies nativas	Canteiros com gramíneas, uso de espécies exóticas na maioria, pouco uso de espécies nativas	Canteiros com gramíneas, uso de espécies exóticas na maioria, pouco uso de espécies nativas
Uso	Passagem	Passagem, manifestações, comércio	Passagem	Missas, feira de artesanato permanente, passagem, procissões, comércio	Passagem
Edificações	Inexistente	Inexistente	Câmara Municipal ⁹⁷ , Procuradoria Geral do Estado, Palácio Fausto Cardoso ⁹⁸ , Palácio Museu Olímpio Campos	Catedral Metropolitana, galeria de Arte Álvaro Santos, Cacique Chá, bar (2)	Centro Cultural de Aracaju
Mobiliário/ Equipamento s	Palco, arquibancada, 2 áreas de leitura, 2 monumentos, estátua de Camerino, casa de bomba, lixeiras, bancos (madeira), mesas (ferro), orelhões e postes.	Estátua Fausto Cardoso, bancos, monumentos, 2 coretos em alvenaria, lixeiras, mesas	Busto Almirante Barroso, totem, placa palmeira-imperial, lixeiras e bancos	Parque Teófilo Dantas, estátua Padre Olímpio Campos, Banho das Ninfas (2 estátuas metálicas de deusas gregas) riacho artificial, ponte balaustrada, lixeiras	Busto General Oliveira Valadão, bancos, lixeiras

Fonte: Próprio autor, 2016.

⁹¹ ARACAJU. Sem título. Disponível em: <http://www.aracaju.se.gov.br/index.php?act=leitura&codigo=53690>. Acesso em: 1 abr. 2016

⁹² APONTADOR. Sem título. Disponível em: http://www.apontador.com.br/local/se/aracaju/bancos/C40736990E465Z465E/caixa_economica_ag_fausto_cardoso.html. Acesso em: 29 mar. 2015.

⁹³ BEM-VINDO A SERGIPE. Sem título. Disponível em: http://bemvindoasergipe.blogspot.com.br/2015_09_01_archive.html. Acesso em: 1 abr. 2016

⁹⁴ INFONET. Sem título. Disponível em: <http://www.infonet.com.br/cidade/ler.asp?id=162783>. Acesso em: 1 abr. 2016

⁹⁵ PORTAL BRASILEIRO. Sem título. Disponível em: <http://portalbrasileiro.net/aracaju-se-uma-capital-sinonimo-de-cultura/>. Acesso em: 30 mar. 2016

⁹⁶ Sua reforma mais recente ocorreu em 2013, uma parceria da Prefeitura de Aracaju com o Iphan.

⁹⁷ Atualmente funcionando no Palácio Graccho Cardoso.

⁹⁸ Atualmente funciona a Escola do Legislativo Seixas Dória e o Memorial do Legislativo Quintino Diniz.

Quadro 10 – Resultado da comparação

1855	Sem praças	Somente havia ideia de concepção do espaço baseado no plano urbanístico desenvolvido por Pirro. Todas as praças seriam concebidas em terrenos pantanosos e alagáveis com a necessidade de serem aterrados para dar origem a tais espaços, assim como aconteceu em toda a cidade de Aracaju.
1885	Praças	Todas as praças já existiam, com exceção da Praça Camerino.
	Nomes	Todas as praças existentes já haviam trocado de denominação pelo menos uma vez.
	Traçado/geometria	Todas as praças apresentam eixo central demarcado por vegetação (palmeiras-imperiais e/ou gramíneas) e geometria retangular .
	Vegetação	Predominante nas praças, eram do tipo forração ou gramíneas sem muita estética.
	Uso	Se dava predominantemente para eventos políticos e manifestações sociais, com exceção da Praça General Valadão, que possuía caráter de comercial informal , pois se situa próximo à região portuária; Todas tinham em comum a função de passagem .
	Edificações	Em todas as praças haviam edificações importantes construídas, exceto a Praça Fausto Cardoso (permanecendo assim até hoje).
	Mobiliário	Em todas as praças não se observam mobiliários ou equipamentos urbanos, afora a Praça Olímpio Campos que possuía um cruzeiro em frente à igreja e a General Valadão que tinha uma fonte d'água .
1915	Praças	Todas as praças já existiam, com exceção da Praça Camerino.
	Nomes	Todas as praças existentes passaram novamente por mudanças de denominação pelo menos uma vez.
	Traçado/geometria	As praças Fausto Cardoso e Olímpio Campos prosseguem com eixo central demarcado por vegetação (palmeiras-imperiais e/ou gramíneas); A Praça Almirante Barroso passa por um processo de reurbanização mais contrastante, vindo a ter um traçado sinuoso , sendo moldado pelos canteiros e vegetação; A Praça General Valadão não apresenta traçado definido apresenta traçado aleatório; Todas as praças continuam com a geometria retangular .
	Vegetação	A vegetação em todas as praças continua predominantemente de forração ou gramíneas sem muita estética , somente na Praça Almirante Barroso nota-se uma maior preocupação com o paisagismo.
	Uso	As praças passaram a ter novos usos, como: retretas, quermesses, missas, manifestações sociais, eventos políticos, contemplação, passeio, procissões, permanência e eventos esportivos ; cada praça passou a ter usos diversificados com influência das funções das edificações mais próximas; Todas ainda apresentam como função comum, passagem .
	Edificações	Todas as praças permanecem com as mesmas edificações construídas, mas algumas delas já haviam passado por reformas e/ou troca de funções.
	Mobiliário	Alguns elementos de mobiliários e/ou equipamentos urbanos começam a ser percebidos, cada qual com um diferencial: a Praça Fausto Cardoso já apresenta em seu centro a estátua de Fausto Cardoso; a Praça Almirante Barroso conta com um coreto metálico ; a Praça Olímpio Campo permanece com o cruzeiro ; e na Praça General Valadão foi inserido um cata-vento (em frente à Alfândega) e uma fonte d'água (em frente ao Quartel).
1945	Praças	A Praça Camerino já está construída e todas as praças já apresentam uma nova configuração.
	Nomes	As praças Almirante Barroso e Olímpio Campos trocaram de nome mais uma vez, já a Praça General Valadão mudou duas vezes, sendo a última denominação a que permanece até a atualidade.
	Traçado/geometria	Todas as praças apresentam traçado orgânico sinuoso , tendência da época, passeios perimetrais . As praças Fausto Cardoso, Almirante Barroso e Olímpio Campos já apresentam a “Alameda das Palmeiras” como eixo central que interliga estes espaços; A Praça Camerino apresenta forma quadrangular e a Praça Almirante Barroso já foi desmembrada da Praça Fausto Cardoso, apresentando também geometria quadrangular .
	Vegetação	Já aparece de forma mais densa em todas as praças, exceto na Praça General Valadão; o uso de gramíneas para a definição dos caminhos fica evidente, assim como a presença da topiaria que se faz presente nas praças Camerino e Fausto Cardoso, a utilização de espécies exóticas e unânime entre elas.
	Uso	As praças passam a abrigar eventos mais grandiosos como o Congresso Eucarístico Internacional , na Praça Camerino, a procissão de Bom Jesus , na Praça Fausto Cardoso, desfiles militares na Praça Fausto Cardoso e festas como o carnaval, juninas e de fim de ano na Praça Olímpio Campos; A praça Almirante Barroso permanece com uso semelhante ao período anterior e a Praça General Valadão tem seu uso associado à boemia e prostituição .
	Edificações	As praças Camerino e Fausto Cardoso continuam sem a presença de edificações como prosseguem até a atualidade; a Praça Olímpio Campos apresenta novas edificações como a Galeria de Arte e o Cacique Chá, já as praças Almirante Barroso e General Valadão apresentam as mesmas edificações que continuam até hoje, somente modificando quanto ao uso e reformas.
	Mobiliário	A quantidade de mobiliário e equipamentos presente nestes locais aumentou, sendo encontrados elementos da arquitetura eclética romântica (fontes, estátuas, bustos, monumentos, coretos, gutas, pontes, rios e imagens indígenas) em todas as praças, exceto na Praça Almirante Barroso, onde não foram encontradas informações nos dados coletados; Os elementos que são mais diferenciados são: relógio metálico de quatro faces , na Praça Fausto Cardoso; e a primeira bomba de gasolina da cidade e o aquário , na Praça Olímpio Campos.
1975	Praças	Novamente todas estão com novo aspecto.
	Nomes	Todas as praças mudam de nome mais uma vez, exceto a Praça General Valadão.
	Traçado/geometria	O traçado orgânico e sinuoso permanece, as árvores com topiaria não mais aparecem, mas a técnica continua presente nas gramíneas com passeios perimetrais . A geometria permanece até a atualidade.
	Vegetação	A predileção por vegetação exótica continua evidente, mas já aparecem plantas nativas , as palmeiras-imperiais continuam presentes e em destaque.
	Uso	Os usos continuam próximos ao período anterior.
	Edificações	Apresentam as mesmas edificações que continuam até hoje, somente modificando quanto ao uso e reformas.
	Mobiliário	Os elementos mais tracionais continuam: bancos, estátuas, monumentos, fontes d'água, estátuas e floreiras .
2005	Praças	Novamente todas estão com novo aspecto.
	Nomes	Todas as praças já apresentam os nomes atuais.
	Traçado/geometria	Todas as praças diferem quanto ao traçado, na Praça Camerino e na Almirante Barroso ficam retilíneos, na Fausto Cardoso e Olímpio Campos permanecem sinuosos, mas com caminhos mais largos, na General Valadão, como também na Camerino, tem mais liberdade formal. A geometria permanece até a atualidade.
	Vegetação	Canteiros com gramíneas são unânicos e predominantes em todas, a quantidade de árvores foi reduzida, as espécies exóticas continuam como predominantes.
	Uso	O uso como passagem passa a ser o mais expressivo e a permanência e contemplação diminuem. As praças Fausto Cardoso, Olímpio Campos e Camerino permanecem com usos mais variados.
	Edificações	Apresentam as mesmas edificações que continuam até hoje, somente modificando quanto ao uso e/ou reformas.
	Mobiliário	A maior parte dos elementos característicos de uma época desaparecem, mas alguns que são mais representativos continuam como marcos.
2015	Praças	Novamente todas estão com novo aspecto.
	Nomes	Nomes atuais.
	Traçado/geometria	O traçado fica semelhante ao período passado, embora passem a ter caminhos mais largos , com passeios perimetrais . A geometria permanece a mesma.
	Vegetação	Nota-se a nova redução na quantidade de árvores, que estão normalmente situadas somente nos canteiros, que também reduziram.
	Uso	O mais efetivo é de passagem, embora as praças Fausto Cardoso e Olímpio Campos apresentem uma maior quantidade de usos e a Praça Camerino tenha alcançado novo uso de lazer ativo .
	Edificações	Apresentam as mesmas edificações que continuam até hoje, somente modificando quanto ao uso e/ou reformas.
	Mobiliário	A Praça Camerino possui elementos de lazer ativo , já na Praça General Valadão são praticamente inexistente quaisquer deles, e no restante das praças sejam equivalentes ao período anterior.

Fonte: Próprio autor, 2016.

Análises

A partir das comparações feitas, percebe-se que a economia, a política, as funções sociais e as tendências estilísticas de cada época são fatores determinantes neste processo de configuração e transformação das praças. Nas cidades as áreas livres públicas, como as praças, oferecem funções sociais e ambientais muito importantes, colaborando para a qualidade ambiental do espaço urbano e também na qualidade de vida da população, são locais de convívio, entretenimento social, manifestações culturais, sociais, históricas, entre outras. O poder público é que gerencia esses espaços visando estabelecer quantidade e qualidade satisfatórias para atender à necessidade da população, distribuindo-os harmonicamente com a necessidade ambiental e social de cada local e não com vistas à valorização de algumas áreas da malha urbana, tendo em vista interesses de alguns grupos.

Nas áreas centrais, a história da praça se confunde com a história da cidade, abrigando características históricas, configurando-se como um referencial na paisagem urbana, como aparece na cidade de Aracaju. Este trabalho analisou as praças mais representativas na história da cidade de Aracaju/SE, localizadas na região central da cidade.

As intervenções urbanísticas ocorridas no Brasil, durante os séculos XIX e XX, tinham finalidade de modernizar e moldar seus ambientes às indigências de desenvolvimento ocorridas nas cidades, modificando os espaços e a paisagem urbana. Nesta conjuntura, as intervenções urbanísticas realizadas nas praças localizadas na cidade de Aracaju/SE nos dois últimos séculos também adotam a mesma linha constituída em todo o país. Percebe-se a presença de três vertentes de praças dentre as analisadas: **praça eclética, praça romântica e praça moderna.**

Este trabalho não se trata de um estudo sobre a memória da cidade, seu objetivo foi o de investigar as transformações que aconteceram nestas praças, como também perceber as variações na forma de uso dos cidadãos com este espaço, estabelecendo os novos usos que se aplicam. Para a realização deste trabalho, foi necessário uma pesquisa aprofundada da literatura e mapeamento documental específico sobre a cidade, bem como a busca por imagens e relatos em que se observassem os aspectos analisados. Encontrou-se grande dificuldade para analisar os dados coletados, pois muitos autores divergem sobre datas e nomes. Procurou-se entender a linha cronológica das transformações espaciais para ter a compreensão deste processo evolutivo. Relata-se a grande dificuldade no acesso a informações, pois o acervo nas bibliotecas e instituições, quando acessíveis ao uso público e quando seu estado de conservação permitia a coleta da informação, ainda contava com falta de datas. Grande parte das informações e imagens de qualidade foi retirada de vários

sites que tratam da história e conformação da cidade, e muitos documentos são encontrados somente em acervos particulares de colecionadores e/ou apreciadores da história aracajuana.

As praças analisadas possuem uma forte conotação social, embora todas apresentem outros usos diversos. Historicamente, as praças analisadas remetem às origens da cidade, por se situarem no local onde a cidade surgiu. Estes espaços estão inseridos em uma das regiões mais arborizadas de Aracaju, na atualidade. Todas as praças passaram por diversas transformações de uso e configuração ao longo de 160 anos, embora muitas delas resguardem elementos de sua origem. A vegetação arbórea é predominantemente exótica em todos os períodos, enquanto as plantas nativas foram inseridas recentemente; os mobiliários também sofreram diversas mudanças, influenciados pela arquitetura da época e pelas tendências estilísticas usadas. Atualmente as praças apresentam traçados e usos característicos da modernidade, percebe-se alguns elementos que evidenciam a história das praças, dos mais diversos períodos e linhas arquitetônicas, como também de eventos importantes ocorridos nestes espaços. A denominação das praças é uma forma de valorização da história da cidade e do estado, pois as praças possuem nomes de personalidades sergipanas que foram importantes no âmbito local e nacional, como militares e políticos.

Com relação as tipologias das praças analisadas neste trabalho, pode-se enquadrá-las nas seguintes categorias:

- Quanto à valores: desde a concepção até a atualidade como **Valores ambientais**, pois permitem uma melhoria na ventilação e aeração urbana na região que se inserem e, na maioria delas, a vegetação permite sombreamento agradável. **Valores estéticos e simbólicos**, pois possui um papel de referência na paisagem urbana da região central da Aracaju além de ser um espaço público responsável por expor a identidade do bairro e município.
- Quanto ao sentido da palavra praça: inicialmente como **Praça Jardim** pois possuíam preferências por espaços de contemplação e vegetação valorizada e na atualidade possuem característica mais relevante como **Praça Seca** com predominância de circulação de pedestres.
- Quanto a vias públicas como elemento estruturador: apresentam-se como somente **Retangular e Quadrangular**, onde as ruas ortogonais delimitam seus espaços.
- Quanto a tipologia ou arquétipo: caracterizam-se como **Praça de descanso** ou como **Praça de Circulação** possuindo em sua estruturação edifícios públicos, igreja e monumentos.

- Quanto a categoria: enquadram-se como **Praça Simbólica** por possuírem marcos urbanos de fácil recordação e como **Praça de Significação Visual** por terem edifícios públicos conhecidos e como **Praça de Circulação** pela predominância de local de passagem de pedestres.

As praças analisadas passaram por diversas intervenções que as descaracterizam quanto à sua imagem inicial, mas que preservam alguns itens de valor sentimental - como estátuas e coretos - e histórico para o ambiente e para a história da cidade. Atualmente, as praças analisadas servem mais como local de passagem e eventuais manifestações, falta de manutenção por parte do poder público, reflexo das mudanças de uso das áreas centrais onde predomina o uso comercial e de serviços.

A preservação desses espaços históricos em Aracaju é importante para a manutenção dessa memória. Aqui sim, cabe remeter a incorporação de “meios físicos” para levar “essa história” para as praças, pois as praças estudadas se apresentam como locais repletos de fatos históricos, sendo vital para a compreensão da transformação paisagística e social da cidade de Aracaju/SE.

Não foi encontrado nenhum estudo na literatura especializada de Aracaju ou sobre as praças que forneça e cruze dados sobre sua história, transformação e evolução ao longo do tempo de forma objetiva e de fácil absorção, como foi feito neste trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da leitura das obras dos autores que tratam da história de Aracaju foi possível detectar quais os momentos históricos, políticos, econômicos e sociais que influenciaram as mudanças observadas nos espaços analisados.

As cidades, seus espaços construídos e suas áreas livres urbanas mudam constantemente. Nas cidades a dinâmica de transformação acontece de forma vertiginosa e veloz, o cenário de ontem difere do de hoje, que, possivelmente, terá distinções com o de amanhã. Em curtos períodos de tempo ocorrem diversas transformações na paisagem urbana. Cullen (1999, p. 29) afirma que “apresentando na sua morfologia provas dos diferentes períodos de construção, patentes nos diferentes estilos arquitetônicos e nas irregularidades do traçado é natural que evidenciem uma amálgama de materiais, estilos e escalas”.

As praças são espaços que compõem os aspectos e testemunham uma época. Conforme Santos (1982, p. 9), “o conjunto de elementos que compõem a paisagem urbana tende a assumir a função de testemunhos de valores, fatos e recordações, representações vivas da condição humana; [...] representam a história”.

O poder público é que gerencia esses espaços visando estabelecer quantidade e qualidade satisfatórias para atender à necessidade da população, distribuindo-os harmonicamente com a necessidade ambiental e social de cada local e não com vistas à valorização de algumas áreas da malha urbana, tendo em vista interesses de alguns grupos. A relevância deste estudo sustenta-se por não ter sido encontrado estudo semelhante abordando os dados sobre sua história, transformação e evolução ao longo do tempo das praças centrais de Aracaju.

A preservação dessas praças são importantes no contexto urbano em que estão inseridas, quer do ponto de vista do lazer, paisagismo, espaços de passagem, bem como para a manutenção da memória local. Recomenda-se incorporar nas praças, mecanismos, como totens, para materializar “essa história” para que a comunidade possa compreender sua importância e assim valorizar esses espaços.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARACAJU, Prefeitura Municipal. **Aracaju** / 1989. Aracaju: Secretaria Municipal de Cultura / Departamento de Patrimônio Cultural, 1989. 83 p.

ARAÚJO, Hélio Mário. Elementos componentes do sistema ambiental físico de Aracaju. IN: ARAÚJO, H. M.; VILAR, J. W. C.; WANDERLEY, L. L.; SOUZA, R. M. (Org.). **O ambiente urbano: visões geográficas de Aracaju**. Editora UFS, Aracaju, p. 15-43, 2006. [1]

BARBOZA, Naide. **Em busca de imagens perdidas: Centro histórico de Aracaju**. Aracaju, 1992. [2]

BARRETO, Luiz Antonio. **Pequeno dicionário prático de nomes e denominações de Aracaju**. Aracaju: Banese, 2002. [3]

BARROS, Miriam Vizintim Fernandes; VIRGÍLIO, Haroldo. **Praças: espaços verdes na cidade de Londrina**. Geografia, Londrina, v.12, n.1, p. 533-544, jan/jun. 2003

BENEVOLO, Leonardo. **História da Cidade**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

BORELLA, H. D. **Importância histórica-cultural e situação atual da Praça Dom Assis, Jaboticabal, São Paulo**. 50p. Monografia (Graduação em Agronomia) – Universidade Estadual Paulista FCAV/Unesp, Jaboticabal, SP. 2009.

BRASIL. Constituição (1988). Capítulo VI do Título VIII. In: CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. 17. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

BRASIL. Decreto Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002. Novo Código Civil. Brasília, 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10406.htm>. Acesso em: 06 de dezembro de 2015.

CABRAL, Mário. **Roteiro de Aracaju**. Livraria Regina. Aracaju, 1955. [4]

CALASANS, José. Aracaju: Contribuição a história da capital de Sergipe. In: CALASANS, José. **Aracaju e outros temas sergipanos**. Aracaju: Fundesc, 1942. [5]

CALDEIRA, Júnia Marques. **A praça brasileira: trajetória de espaço urbano – origem e modernidade**. Tese (Doutorado em História) – Unicamp, Campinas, SP, 2007.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. O lugar e as práticas cotidianas. In:_____. **O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 47-58.

CASTRO, Therezinha de. Aracaju, evolução e crescimento. In: **Boletim Geográfico** nº 200, ano 26, set/out. Fundação IBGE, 1967. [6]

CHAVES, Rubens. Aracaju, pra onde você vai? do Autor [S.l.], 2004. [7]

CORREIA, Antônio Wanderley de Melo; ANJOS, Marcos Vinícius Melo dos. **História de Sergipe para vestibulares e outros concursos**. Aracaju: InfoGraphics, 2004. [8]

CORREIO SERGIPENSE. Papéis antigos. **Revista do Aracaju**. Aracaju, 1944. [9]

CORREIO SERGIPENSE. Papéis antigos. **Revista do Aracaju**. Aracaju, 1962. [10]

COSTA, Silvia Kimo. **Percepção ambiental e revitalização**: as praças do bairro Salobrinho, Ilhéus, Bahia. Dissertação. Programa Regional de Pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Universidade Estadual de Santa Cruz, 2008.

CRUZ, Luiz Antônio Pinto. **Aracaju**: memórias de uma cidade sitiada. [Monografia]. São Cristóvão: UFS. 1999. [11]

CULLEN, Gordon. **Paisagem Urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

DE ANGELIS, B. L. D; DE ANGELIS NETO, G.; BARROS, G. D. A.; BARROS, R. D. A. **Praças**: história, usos e funções. Maringá: EDUEM, 2005.

DEMATTE, M. E. S. P. Princípios de paisagismo. 2 ed. Jaboticabal, SP: Funep, 1999. 101 p.

DEPAVE/Divisão Técnica de Desenvolvimento de Tecnologia do Departamento de Parques e Áreas Verdes. Curso de Recursos paisagísticos. Rio de Janeiro: Secretaria do Verde e do Meio Ambiente, s.d.. 46 p.

DIZERÓ, Joselle Davanço. **Praça do interior paulista**: estudos de caso nas cidades de Ribeirão Preto e Monte Alto/SP. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC), Campinas, 2006.

FARAH, Ivete; SCHLEE, Mônica Bahia; TARDIN, Raquel. **Arquitetura paisagística contemporânea no Brasil**. São Paulo, SENAC, 2010.

FERREIRA, Jurandyr Pires. **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. Vol. XIX Alagoas e Sergipe. IBGE. 1959. [12]

FERREIRA, Robério Anastácio et al. **MAUAR – Manual de Arborização Urbana de Aracaju**: Praças. São Cristóvão: UFS, 2012. [13]

FIGUEIREDO, Fernando. **Alguns nomes antigos do Aracaju**. Aracaju: Gráfica Editora J. Andrade Ltda., 2003. [14]

FIGUEIREDO, Jacintho de. **Motivos de Aracaju**. Aracaju, s.d. [15]

FONT, Mauro. **A praça em movimento**: processos de transformações morfológicas e funcionais no Brasil do século XX. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

FRANÇA, Vera Lúcia Alves; FALCON, Maria Lúcia de Oliveira (Org.). **Aracaju**: 150 anos de vida urbana. Aracaju: PMA/SEPLAN, 2005. [16]

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SERGIPE. **Revista trimestral do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Aracaju: IHGSE, 1913. [17]

GOMES, E. C. **Percepção do ambiente construído**: a praça. Tese (Doutorado). São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - USP, 1997. 203p.

GOMES, Marcos Antônio Silvestre.; SOARES, Beatriz Ribeiro. **Estudos Geográficos**, Rio Claro, 1(1): 19-29, Junho, 2003 (ISSN 1678—698X).

GOMES, Paulo César da Costa. **A condição urbana**: ensaios de geopolítica da cidade. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertand, 2006, 304 p.

GONÇALVES, W; Paiva H.N. **Árvores para ambiente urbano**. Viçosa: Editora UFV;. 242 p. Coleção Jardinagem e Paisagismo n. 2. 2004.

GONÇALVES, W; PAIVA, H. N. **Florestas urbanas**: planejamento para a qualidade de vida. Viçosa, MG: Aprenda Fácil, 2002. 180 p. (Coleção jardinagem e paisagismo. Série arborização urbana; v. 2).

GOIS, D.V. et al. **O processo de apropriação da natureza no espaço urbano em cidades tropicais**: problematizando a distribuição de áreas verdes em Aracaju (SE). Natural Resouces, Aquidabã, v.2, n.1, p.44-67, 2012.

HARDER, I. C. F. **Inventário quali-quantitativo da arborização e infra estrutura das Praças da cidade de Vinhedo/SP**. Dissertação apresentada à Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz da Universidade de São Paulo, Novembro 2002.

HARDER, I.C.F.; RIBEIR; R.C.S; TAVARES, A.R. **Índices de área verde e cobertura vegetal para as praças do Município de Vinhedo, SP**. Revista Árvore 2006; 30(2): 277-282.

IBGE. **Cidades**. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=280030&search=sergipe%7Cara%7Caju>>. Acesso em: 09 dez. 2015.

LAMAS, José M. Ressano Garcia. Os elementos morfológicos do espaço urbano. In:_____. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. 3 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004. p. 79-150.

LIRA FILHO, J. A. **Paisagismo**: elementos de composição e estética. Viçosa, MG: Aprenda Fácil, 2002. 231 p. 194 p. (Coleção jardinagem e paisagismo. Série planejamento paisagístico; v.2)

LEITÃO, Lúcia (Org.). **As praças que agente tem, as praças que agente quer**: manual de procedimentos para intervenção em praças. Recife: A Secretaria, 2002. 118p.

LEITE, Maria Lúcia de Carvalho (Coord.). **Informações sobre Aracaju**. Secretaria Municipal de Cultura. Aracaju, 1989. [18]

LINDENMAIER, Diogo de Souza; SANTOS, Natália Oliveira dos. **Arborização urbana das praças de Cachoeira do Sul RS-Brasil**: fitogeografia, diversidade e Índice de áreas verdes. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, p. 307-320. Pesquisas, Série Botânica n. 59. 2008.

LIMA, A. L. P. et al. **Problemas de utilização na conceituação de termos como espaços livres, áreas verdes e correlatos**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ARBORIZAÇÃO URBANA, 2. São Luís: Imprensa EMATER/MA, 1994.

LOUREIRO, Kátia A.S. **A trajetória Urbana de Aracaju, em tempo de interferir**. Aracaju: Instituto de Economia e Pesquisas – INEP, 1983. [19]

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Editora Martins Fontes, São Paulo, 1980.

MATOS, Elaine Cristine do Amarante et al. Arborização do bairro Centro da cidade de Aracaju, Sergipe, e seus organismos associados. **REVSBAU**, v. 5, n. 4, p. 22-39, Piracicaba – SP, 2010.

MACEDO, S. S.; ROBBA, F. **Praças brasileiras**. São Paulo: Edusp, 2002.

MACHADO, Anselmo Belém. **Grande Aracaju**: processo de uma metropolização emergente. Tese (Doutorado) – Aracaju: UFS, 1990. [20]

MACHADO, Ewerton Vieira. **Aracaju: paisagens e fetiches**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Florianópolis: UFSC, 1990. [21]

MENDONÇA, E. M. S. Apropriações do espaço público: alguns conceitos. **Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia**. v. 7(2): 122-132, 2007.

MENDONÇA, Francisco. Geografia socioambiental. In: MENDONÇA, Francisco. (Org.). **Elementos de epistemologia da Geografia contemporânea**. Curitiba: Ed. UFPR, 2002.

MENDONÇA, Jouberto Uchôa; SILVA, Maria Lúcia Marques Cruz e (Org.). **Caminhos da capital**: 150 motivos para viver as ruas de Aracaju. Aracaju: UNIT, 2007. [22]

MELLINS, Murilo. **Aracaju romântica que vi e vivi**. 2. ed. Aracaju: NORGRAF, 2001. [23]

MELO, E. F. R. Q.; ROMANINI, A. Praça Ernesto Tochetto: importância da sua preservação histórica e aspectos de sua arborização. **Revista da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana**, Piracicaba, v. 3, n. 1, p. 54-52, 2008.

MILANO, M. S.; DALCIN, E. **Arborização de vias públicas**. Rio de Janeiro: Ligth, 2000. 226 p.

MUELLER, O. G. Paisagismo de parques e praças. In: **Curso de paisagismo em áreas urbanas**. Curitiba: Universidade Livre do Meio Ambiente, 1996. p. 50-72.

MUMFORD, L. **A cidade na história**: suas histórias, transformações e perspectivas. Tradutor Neil R. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

NETO, Everaldo Marques de Lima et al. Análise das áreas verdes das praças do bairro Centro e principais avenidas da cidade de Aracaju-SE. **Revista da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana**, v. 2, n. 1, 2007.

OLIVEIRA, Itamar Freitas de. **A escrita histórica de Sebrão Sobrinho**: uma análise de Laudas da história de Aracaju. Monografia (Graduação em História) – São Cristóvão: UFS, 1996. [24]

PEGOLO, L. C. N. C.; DEMATTÊ, M. E. S. P. **Estudo sobre as principais praças de Jaboticabal e Taquaritinga, SP**. Holos Environment, v. 2, n. 1, p. 106-123, 2002.

PDDU. Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Aracaju, 2000.

PORTO, Fernando. **A cidade do Aracaju. 1855/1865**. 2. ed. Aracaju: FUNDESC, 1991. [25]

QUEIROGA, Eugênio F. **A megalópole e a praça**: o espaço entre a razão de dominação e a ação comunicativa. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

RIBEIRO, Neuza Maria Góis. **Transformações do espaço urbano**: o caso de Aracaju. Recife: FUNDAJ, Editora Massagana, 1989. [26]

ROBBA, F; MACEDO, S.S. **Praças brasileiras**. São Paulo: EDUSP, 2003.

ROCHA, Antônio de Oliveira. **Aracaju rediviva**. Aracaju: Editora Gráfica Olímpica, 1963. [27]

SANTANA, Santos. **Aracaju dos meus amores**. Aracaju: PMA/SEC, 1983. [28]

SANTOS, Lenalda Andrade; OLIVA, Terezinha Alves. **Para conhecer a história de Sergipe**. Aracaju: Opção gráfica e editora Ltda, 1998. [29]

SANTOS, Maria Nely. **Aracaju**: um olhar sobre sua evolução. Aracaju: Triunfo, 2008. [30]

SANTOS FILHO, R. D. **Espaço urbano contemporâneo**: as recentes transformações no espaço público e suas conseqüentes implicações para uma crítica aos conceitos tradicionais do urbano. São Paulo: Vitruvius arquitectos, texto especial 269, 2004. p. 1-16.

SANTOS, W.R.A.; VARGAS, M.A.M. **Apropriações na Construção do Urbano na Cidade de Aracaju/SE**. Scientia Plena, Aracaju, v. 3, n. 5, p. 117-123, 2007.

SEGAWA, Hugo. **Ao amor do público**: jardins no Brasil. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP, 1996.

SILVA, Clodomir de Souza e. **Álbum de Sergipe (1820 – 1920)**. São Paulo: Seção de obras de O Estado de São Paulo, 1920. [31]

SILVA, I. M.; RAMOS, L. M. P.; BRITO, J. S. Análise das funções das praças do bairro centro de Teresina - PI. In: CONGRESSO DE PESQUISA E INOVAÇÃO DA REDE NORTE NORDESTE DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA, 2, 2007, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa, 2007.

SILVA, A.T.; TAVARES, T.S.; PAIVA, P.D.O.; NOGUEIRA, D.A. As Praças Dr. Augusto Silva e Leonardo Venerando Pereira, Lavras-MG, segundo a visão dos seus frequentadores. **Ciência e Agrotecnologia**, v. 32, n. 6, p. 1701-1707, 2008.

SOBRINHO, Sebrão. **Laudas da história de Aracaju**. Aracaju, sd.

SOUZA, A.L.; FERREIRA, R.A.; MELLO, A.A.; PLÁCIDO, D.R.; SANTOS, C.Z.A.; GRAÇA, D.A.S. **Diagnóstico quantitativo e qualitativo da arborização das praças de Aracaju, SE**. Revista Árvore 2011; 35(6): 1253-1263.

SOUZA, B. A. de A. **Análise da utilização pelos usuários de duas praças em Betim-MG.** (Monografia) – Universidade Federal de Lavras, Lavras, MG, 2003. 53p. [32]

VIERO, Verônica Crestani; BARBOSA FILHO, Luiz Carlos. **Praças públicas: origem, conceitos e funções.** Jornada de Pesquisa e extensão. Ulbra, Santa Maria, 2009.

VILAR, J. W. C. **Evolução da paisagem urbana do centro de Aracaju.** In: ARAUJO, H. M.; VILAR, J. W. C.; WANDERLEY, L. L.; SOUZA, R. M. (Org.). **O ambiente urbano: visões geográficas de Aracaju.** Editora UFS, Aracaju, p. 49-71, 2006.

WIEDMANN, Luiz (Pseudônimo Ararigboia). **Aracaju 1855 – 1955.** Aracaju: Tipografia Democrata, 1955. [33]